

MEMÓRIAS DA VELHA JACUNDÁ



A CIDADE SUBMERSA NAS CORES DO AÇAÍ



Elsamar Silva dos Santos Emerique



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES/PROF-ARTES

ELSAMAR SILVA DOS SANTOS EMERIQUE

**MEMÓRIAS DA VELHA JACUNDÁ: A CIDADE SUBMERSA NAS CORES DO
AÇAÍ**

BELÉM - PA
2023

ELSAMAR SILVA DOS SANTOS EMERIQUE

**MEMÓRIAS DA VELHA JACUNDÁ: A CIDADE SUBMERSA NAS CORES DO
AÇAI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arte – Mestrado Profissional, do Instituto de Ciências da Arte, da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Arte.

Área de concentração: Arte

Orientador: Prof. Dr. Orlando Franco Maneschy

BELÉM - PA
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal doPará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S586m Silva dos Santos Emerique, Elsamar.
Memórias da Velha Jacundá : A cidade submersa nas coresdo açai / Elsamar Silva dos Santos
Emerique. — 2023.

99 f. :
il.
color.

Orientador(a): Prof. Dr. Orlando Franco Maneschy Dissertação
(Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de
Ciências da Arte, Programa de Pós-Graduaçãoem Artes, Belém,
2023.

1. Cidade submersa. 2. Ensino de Arte. 3. Cores do açai. 4.
Cidade submersa. 5. Cidade Amazônica. I. Título.

CDD 750



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL
DO PARÁ INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
PPGARTES – PROFARTES

**ATA DA COMISSÃO EXAMINADORA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DO
PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO (EM REDE NACIONAL) PROFARTES APRESENTADA PELA DISCENTE
ELSAMAR SILVA DOS SANTOS EMERIQUE**

ORIENTADOR: Prof. Dr Orlando Franco Maneschty

No dia 24 de agosto de 2023, às 15 horas, reuniu-se virtualmente, por meio da plataforma Google Meet, a Comissão Examinadora designada para avaliar o trabalho da discente **ELSAMAR SILVA DOS SANTOS EMERIQUE** pela apresentação de sua Dissertação de Mestrado, denominada MEMÓRIAS DA VELHA JACUNDÁ: A CIDADE SUBMERSA NAS CORES DO AÇAÍ. A Comissão Examinadora foi composta, segundo o que determina Regimento Geral dos Cursos de Pós-Graduação *Stricto Sensu* da Universidade Federal do Pará (Resolução CONSEP 3.870/2009, Art. 52), pelas docentes: **Orientador: Prof. Dr. Orlando Franco Maneschty**; **1º membro: Profa. Dra. Daniely Meireles do Rosário** (examinadora interna) e **2º membro: Profa. Dra. Hosana Celeste Oliveira** (examinadora externa). Após a apresentação da dissertação pela discente, foi dada a palavra às examinadores para a devida arguição, seguida das observações da discente. Logo após, a Comissão Examinadora procedeu ao julgamento, definindo o parecer de cada membro, que considerou que a discente foi APROVADA, com o conceito EXCELENTE. Ficou estabelecido o prazo para a entrega da versão definitiva, após as correções solicitadas, no dia 24 de setembro de 2023. Nada mais havendo a tratar, a Presidente da Banca Examinadora deu por encerrado os trabalhos sendo lavrada a presente ata, devidamente assinada pela Presidente, examinadoras e discente.

Orlando Franco Maneschty
(Presidente - Orientador)



Documento assinado digitalmente
ORLANDO FRANCO MANESCHTY
Data: 22/09/2023 14:28:36-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Daniely Meireles do Rosário
(Examinadora Interna- ICA/UFPA)

Hosana Celeste Oliveira
(Professora Visitante-PPGARTES/UFPA)



Documento assinado digitalmente
HOSANA CELESTE OLIVEIRA
Data: 23/09/2023 00:30:10-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Elsamar Silva dos Santos Emerique.

Mestranda)

Belém, 23 de agosto
de 2023.

ELSAMAR SILVA DOS SANTOS EMERIQUE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arte – Mestrado Profissional, do Instituto de Ciências da Arte, da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Arte.

Área de concentração: Arte

Orientador: Prof. Dr. Orlando Maneschky

Aprovado em: 23/_08_/ 2023_.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente



ORLANDO FRANCO MANESCHY

Data: 24/09/2023 11:36:54-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Orlando Maneschky

Universidade Federal do

Documento assinado digitalmente



DANIELY MEIRELES DO ROSARIO

Data: 24/09/2023 17:52:15-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Pará

Profa. Dra. Daniely Meireles do

Rosário Universidade Federal do

Pará Profa. Examinadora Interna

Documento assinado digitalmente



HOSANA CELESTE OLIVEIRA

Data: 24/09/2023 11:14:50-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Hosana Celeste

Oliveira Universidade Federal

do Pará Profa. Examinadora

Externa

BELÉM – PA

2023

Ao meu querido pai José Veríssimo dos Santos (*in memoriam*), por ter ensinado-me a ler as primeiras palavras na infância. Foi o meu primeiro professor e mostrou-me o caminho do conhecimento e incentivou-me a trilhar por ele. Gratidão!

Ao meu esposo Oswaldo Jônathas Scheidegger Emerique, por estar ao lado durante toda a minha trajetória acadêmica e por cuidar das nossas filhas na minha ausência. Obrigada!

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente ao Deus todo poderoso, criador do universo e tudo que nele há, por ser o meu ajudador, amigo mais chegado e companheiro nos momentos tristes e alegres. Por ter me dado forças para concluir mais essa etapa acadêmica.

A todos que estiveram direta e indiretamente ao meu lado nesta jornada e de alguma maneira contribuíram para que essa pesquisa fosse concluída;

Ao meu orientador, Prof. Dr. Orlando Maneschy, por todos os direcionamentos e conhecimentos. Obrigado pela empatia à minha pesquisa;

À professora Profa Dra. Daniely Meireles Do Rosário por compartilhar experiências e orientações durante as aulas do mestrado e sobretudo por aceitar fazer parte da banca examinadora dessa dissertação;

À professora Dra. Hosana Celeste Oliveira, por todo conhecimento, sensibilidade, afeto nos direcionamentos realizados durante a qualificação e, em especial, por aceitar fazer parte da banca examinadora desse trabalho;

Aos professores ministrantes das disciplinas do Mestrado. Muita gratidão;

A todos os amados colegas do Mestrado Profissional em Artes, vocês foram luz nesse ciclo. Levarei por onde for vocês no coração. Um agradecimento especial ao grupo “Quarteto Fantástico” composto por mim, minha amiga, Pofa. Ms. Natany Rodrigues, professor Murilo Rodrigues e o Prof. Ms. Rubens Rafael Santa Brígida que estiveram ao meu lado durante todo o percurso do mestrado, compartilhando informações, contribuindo e sobretudo, tornando a caminhada mais feliz e animada;

A todos as discentes, escolas e pessoas que participaram e ajudaram na realização do Memórias da Velha Jacundá. Toda minha gratidão. Sem vocês não seria possível;

À minha mãe Rosimar Silva dos Santos pelas orações e às minhas filhas Geisany Emerique e Yanne Emerique pela compreensão e por serem a minha maior motivação. Gratidão!

LISTA DE FIGURAS

Figura 01	Mapa com a localização do antigo município de Jacundá	19
Figura 02	Porto da Velha Jacundá.....	19
Figura 03	Pintura em tela: A Parteira. Autora: Erislane	21
Figura 04	Foto do Garimpo de diamantes da Velha Jacundá	22
Figura 05	Foto Desembarque do bispo da Diocese de Marabá na Velha Jacundá	24
Figura 06	Desfile Escolar de 7 de setembro em frente à Câmara de Vereadores da Velha Jacundá	24
Figura 07	Foto Velha Jacundá em 1970	25
Figura 08	Foto Inundação.....	28
Figura 09	A caixa d'água.....	29
Figura 10	Localização das antigas terras dos Gaviões Parkatejês”	31
Figura 11	Entrevista com o senhor Leopoldino Martins Dias.....	34
Figura 12	Entrevista com Loeze	35
Figura 13	Entrevista com a Sr ^a . Rosa Gurgel	37
Figura 14	Entrevista com o Sr. Raimundo Rodrigues.....	38
Figura 15	Visita dos povos indígenas Gaviões na aldeia dos povos Guaranis	38
Figura 16	Entrevista com o Sr. Odaci Braga.....	39
Figura 17	Estrutura da caixa d'água da Velha Jacundá.....	40
Figura 18	Exposição Memórias da Velha Jacundá na praça municipal de Jacundá.....	43
Figura 19	Fotografia da Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.	45
Figura 20	Pintura em tela Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.....	46
Figura 21	Entrega de troféus na câmara municipal de Jacundá.....	47
Figura 22	Aluna Glenda Ferreira produzindo a imagem da prefeitura da Velha Jacundá..	50

Figura 23	Aluna Ana Livia da Silva Pintando a caixa d'água.....	50
Figura 24	Alunos gravando vídeo de apresentação das obras na escola	51
Figura 25	Perguntas afixadas nas paredes da escola Teotônio Apinagés.....	53
Figura 26	Produção de cartilhas.....	54
Figura 27	Alunos pintando a obra “Capoerana”	55
Figura 28	Foto Peixe Jacundá	56
Figura 29	Pintura em tela Peixe Jacundá	57
Figura 30	Porto da Velha Jacundá	58
Figura 31	Pintura em tela Porto da Velha Jacundá	58
Figura 32	Pintura em tela “Corrida da Tora” dos Parkatêjês	59
Figura 33	Foto Estrada de Ferro Tocantins.....	60
Figura 34	Pintura Estrada de Ferro Tocantins	61
Figura 35	Pintura “Cobra Grande”.....	62
Figura 36	Aluna Érica de Sousa Silva	62
Figura 37	Estudantes pintando na biblioteca da escola.....	63
Figura 38	Foto da Escola Coronel João Pinheiro.....	64
Figura 39	Pintura em tela Escola Coronel João Pinheiro.....	65
Figura 40	Foto Inácio P. da Silva e sua esposa Beliza Silva.....	66
Figura 41	Produção da obra “Inácio P. da Silva”. Autora: Denise Amorim.....	66
Figura 42	Foto Inundação.	67
Figura 43	Pintura em tela “Inundação”.....	67
Figura 44	Convite para a Exposição de Arte.....	68
Figura 45	Aluna Thaíne S. Beie	70
Figura 46	Vista da exposição na quadra da escola.....	71
Figura 47	Alunas apresentando trabalho: Flávia Souza e Mirian Xavier.....	71
Figura 48	Aluna Alessandra Freitas	71

Figura 49	Produção das telas. Passo 1.....	75
Figura 50	Produção das telas. Passo 2.....	76
Figura 51	Preparo das tintas.....	76
Figura 52	Premiação da MOCISSPA.....	77
Figura 53	Nosso stande na MCTEA	78
Figura 54	Nosso stande na MOSTRATEC JÚNIOR.....	78
Figura 55	Tintas Cores do Açaí.....	79
Figura 56	Gravação do documentário Cores do Açaí	80
Figura 57	Açaí em Pó e Líquido	82
Figura 58	Composição das Cores - Tintas de Açaí	83
Figura 59	Paleta Cores do Açaí.....	83

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- **UHT** – Usina Hidrelétrica de Tucuruí
- **PARFOR** – Plano Nacional de Formação de Professores
- **EMEF** – Escola Municipal de Ensino Fundamental
- **EFT** – Estrada de Ferro Tocantins
- **COVID-19** – Coronavírus
- **PNEE** – Portador de Necessidades Educativas Especiais
- **SEMED** – Secretaria Municipal de Educação
- **BNCC** – Base Nacional Comum Curricular
- **MOCISSPA** - Mostra Científica do Sul e Sudeste do Pará
- **MCTEA** - Mostra de Ciências e Tecnologia da Escola Açaí
- **MOSTRATEC** – Mostra Internacional de Ciências e Tecnologia
- **IAE** – Instituto Arte na Escola
- **PAEC** – Prêmio Arte Escola Cidadã
- **CNT** – Conselho Nacional de Transportes
- **IBAMA** - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente

RESUMO

Esta dissertação apresenta a história da Velha Jacundá trabalhada por meio do “*Cores do Açaí*”, projeto criado com alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Profa. Maria da Glória Rodrigues Paixão e estendido às escolas Rosália Correia e Teotônio Apinagés de Jacundá/PA. O objetivo é conhecer a memória da cidade submersa por meio do experimento artístico com o açaí, considerando a cultura da qual os discentes estão inseridos. Para isso, utilizei algumas das teorias dos seguintes autores: Argan (1998), Barbosa (1994) e (2014), Bosi (1994) e Buoro (2002), que perpassam pelas temáticas que formam o cerne deste trabalho, uma vez que constatei em minha prática cotidiana como professora de Arte na escola pública que muitos alunos não conhecem a história do lugar onde estão inseridos. Recorri à abordagem qualitativa tendo como foco a pesquisa-ação. A coleta de dados foi realizada através da pesquisa de campo, questionários com perguntas mistas, entrevistas, fotografias, relatos e vídeos. Na produção artística, utilizei o açaí como elemento principal para a produção das tintas e a paleta de cores a fim de pintar em telas as imagens copiadas das velhas fotografias. Os resultados obtidos demonstram eficiência de intervenções pedagógicas artísticas, destacando a importância do trabalho da memória dentro do ensino de Arte e das possíveis relações construídas com a cultura local e regional. As imagens produzidas e expostas para o público Jacundaense mostram não só o contexto histórico, como também evidenciam a relevância da Arte, preservam momentos e mediam valores culturais para as gerações futuras.

Palavras-chave: *Cores do Açaí*; Cidade submersa; Ensino de Arte; Memória Amazônia; Processos artísticos.

SUMMARY

This dissertation presents the history of Velha Jacundá worked through “Cores do Açaí”, a project created with students from Escola Municipal de Ensino Fundamental Profa. Maria da Glória Rodrigues Paixão and extended to the Rosália Correia and Teotônio Apinagés schools in Jacundá/PA. The objective is to learn about the memory of the submerged city through an artistic experiment with açaí, considering the culture in which the students are part of. For this, I used some of the theories of the following authors: Argan (1998), Barbosa (1994) and (2014), Bosi (1994) and Buoro (2002), which cover the themes that form the core of this work, since I found in my daily practice as an Art teacher in public schools, many students do not know the history of the place where they live. I used a qualitative approach focusing on action research. Data collection was carried out through field research, questionnaires with mixed questions, interviews, photographs, reports and videos. In artistic production, I used açaí as the main element for the production of paints and the color palette, in order to paint images copied from old photographs on canvas. The results obtained demonstrate the efficiency of artistic pedagogical interventions, highlighting the importance of memory work within Art teaching and the possible relationships built with local and regional culture. The images produced and exhibited for the Jacundaense public not only show the historical context, but also highlight the relevance of Art, preserve moments and mediate cultural values for future generations.

Keywords: Acai Colors; Submerged city; Art Teaching; Amazon Memory; Artistic processes.

SUMÁRIO

A ARTE E OS ENCONTROS

A CASA ERA POR AQUI	13
1 AS CORES DO PASSADO	18
1.1 De chegada em chegada fez-se a cidade	18
1.2 E a cidade virou rio	26
1.3 E os gaviões voaram de seus ninhos.....	30
1.4 Das imagens pintou-se memórias	33
2 E DO RIO FEZ-SE IMAGENS	42
2.1 Cores imaginárias dos alunos da Escola Rosália Correia	42
2.2 Memórias/imagens nas cores do açaí - Escola Professora Maria da Glória Rodrigues Paixão	44
2.3 Memórias da Velha Jacundá no ciberespaço em tempos de pandemia	47
2.4 À memória de Teotônio Apinagés	52
3 CORES DO AÇAÍ	73
3.1 Da tigela para a tela.....	73
3.2 A viagem das cores	77
3.3 Memórias no palco.....	80
3.4 Sabores que pintam	81
RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	86
REFERÊNCIAS.....	91
ANEXOS.....	94
ANEXO A Fotografias da Velha Jacundá.....	94
ANEXO B Exposição de arte Cores e Memória da Velha Jacundá, 2016.	94
ANEXO C Projeto Cores do açaí – 2018.....	95
ANEXO D Projeto Cores do Açaí 2020 (período da pandemia)	96
ANEXO E Cores do Açaí 2022	95
ANEXO F Documentário Cores do Açaí.....	96
ANEXO G Minidocumentário Memórias da Velha Jacundá.....	96

A CASA ERA POR AQUI ...

Por que te transformar
Em águas assassinas
E nelas afogar a vida?¹

Tudo começou em um dia nublado do mês de fevereiro do ano de 2009, enquanto eu, meu esposo Oswaldo S. Emerique e minha filha Geisany Ketlen, de apenas 01 ano de idade, que dormia no meu colo, navegávamos de *rabeta*² sobre as águas do extenso e impressionante lago do reservatório da Usina Hidrelétrica de Tucuruí (UHT), rumo a uma ilha, onde iríamos passar o feriado de Carnaval. Cuidadosamente observava a bela paisagem daquele lugar, quando avistei de longe uma caixa d'água no meio daquele rio projetado. Logo me veio a inquietação e perguntei ao meu esposo: Por que uma caixa d'água aqui? O motivo de direcionar a pergunta ao meu esposo? Pelo fato dele ser natural do estado do Pará e crescido na Nova Jacundá, enquanto eu só havia 03 anos que residia no município. Diante da minha indagação, ele começou a relatar a história da cidade submersa, embora com limitações de informações, pois não chegou a conhecer a Velha Jacundá. Depois desta experiência, propus a mim mesma pesquisar sobre essa incrível e dolorosa história.

Os anos se passaram e eu só pude buscar respostas para os meus questionamentos em relação ao passado da Velha Jacundá a partir do ano de 2015, quando a memória da cidade submersa se tornou tema da minha pesquisa da graduação em Artes Visuais, curso realizado pelo Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR³/UFPA), no município de Tailândia/PA. Percebi que a Arte é um espaço de elaboração de memórias, não apenas como lembrança do passado, mas como produção do presente. E isto me trouxe contentamento, pois vi a oportunidade de conhecer a memória dessa cidade, não de forma isolada, mas num trabalho coletivo realizado com meus alunos do Ensino Fundamental séries finais da Escola Municipal de Ensino Fundamental EMEF Profa. Maria da Glória Rodrigues Paixão em 2018 e Escola Municipal de Ensino Fundamental – EMEF Rosália Correia em 2020. Foram trabalhos incríveis, porém as inquietações continuaram por existir várias problemáticas não esclarecidas no que se refere ao espaço urbano e rural, os expropriados, questões políticas e sociais.

Diante do exposto, as ações apresentadas neste trabalho dizem respeito a continuação da pesquisa e teve como objetivo principal conhecer a história da Velha Jacundá, ligada a

¹ Música “Toca Tocantins” de Nilson Chaves.

² Canoa motorizada

³ Plano Nacional de Formação de Professores

produção artística que consiste no experimento artístico e estético usando a polpa do açaí nas pinturas de imagens da Velha Jacundá em telas.

Buscando aprimorar minha pesquisa enquanto ministrante da disciplina "Arte na rede Municipal de ensino da cidade de Jacundá e mestranda no Programa de Mestrado Profissional em Artes – PROFARTE/UFPA, percebi a necessidade de inserir alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Teotônio Apinagés na continuação da construção deste trabalho, que se fez num ato coletivo de [re]desenhar antigas imagens da cidade submersa. No entanto, o trabalho ora apresentado não pretende deixar de lado as experiências anteriores e sim agregá-las às novas.

O ponto de partida para a pesquisa ***Memórias da Velha Jacundá: a cidade submersa expressa nas cores do açaí*** foi a busca por informações com antigos moradores e as fontes bibliográficas de Leopoldino Martins Dias (2013), escritor do livro ***História da Antiga e Nova Jacundá*** (2013) e ex-morador do antigo município e o Prefº. Dr. Claudionor Gomes da Silveira, morador e advogado na atual Jacundá, escritor do livro ***Uma Cidade Submersa: memória e história de Jacundá*** (2001). É importante ressaltar que o primeiro livro ainda não foi publicado. Impresso e divulgado somente no município de Jacundá, mas que considero um rico material do qual essa pesquisa não poderia desconsiderar.

Diante do tema surgiu o seguinte problema de pesquisa: Como a Arte pode ser explorada pelos estudantes de Jacundá que participaram dessa intervenção no contexto da memória da Velha Jacundá?

Nessa perspectiva, o objetivo da pesquisa é conhecer a história da Velha Jacundá em sincronia com a produção artística partir do experimento estético com o açaí envolvendo alunos do ensino fundamental das escolas municipais Rosália Correia, Professora Maria da Glória Rodrigues Paixão e Teotônio Apinagés, de Jacundá.

Apliquei metodologicamente a pesquisa qualitativa e usei como foco a pesquisa-ação a partir de entrevistas escritas, informações verbais, vídeos e fotografias. Esses métodos geraram mais de um produto que serão apresentados no decorrer do texto, contudo destaco dentre eles, o projeto *Cores do açaí* em três edições no qual disponibilizei ao público de forma física e virtual.

A pesquisa é apresentada em 03 (três) capítulos, constituídos da seguinte forma: no primeiro, nomeado de *As cores do passado*, é abordada a história da Velha Jacundá, desde a sua fundação até a inundação. O embasamento histórico surge a partir de Dias (2013) e Silveira (2001). Para esse diálogo sobre memória, cidade enquanto obra de arte, trago os autores Bosi (1994), Argan (1998) e Calvino (1999). O capítulo também aborda a cidade de

Jacundá como uma das cidades da Amazônia, com suas culturas e peculiaridades. Para essa discussão, o estudo traz Loureiro (1995), Mokarzel (2013) e Albert (2015) para entendermos melhor sobre os povos indígenas que habitavam à região onde se concebeu a cidade de Jacundá.

O segundo capítulo, intitulado *E do Rio fez-se imagens*, apresento parte da memória da cidade submersa a partir das produções artísticas dos alunos da escola Rosália Correia 2016, Prof.^a Maria da Glória 2018, novamente Rosália Correia 2020 e Teotônio Apinagés em 2022. Tomei como embasamento teórico, Barbosa (1998 e 2014), Buoro (2003), Dewey (1952), Cunha (2008), Freire (1996), Souza (2013) e Bolsanello (2011). São autores que dialogam e potencializam as concepções pedagógicas no ensino de arte.

No terceiro capítulo, que traz como título *Cores do Açaí*, trata do projeto que também carrega esse nome e põe em evidência o experimento artístico/estético com o açaí e todo o processo de criação, inclusive a Paleta de cores: *Cores do Açaí* produzida a partir do fruto, bem como o percurso da ação em foco. Para potencializar esse diálogo, trago os autores Bachelard (1988), Fayga (1977) e Barbosa (1988). O capítulo ainda aborda o açaí na Amazônia e a sua representatividade para o povo jacundaense. Para esse diálogo trago Paz e Koury (2020).

Neste trabalho, considerei embasar-me nos princípios da pesquisa qualitativa, a partir dos quais foram traçadas proposições que a afirmam como tal, pois é um estudo que contesta a neutralidade do discurso positivista afirmando “[...] a vinculação da investigação com os problemas ético-políticos e sociais [...]” (Chizzotti, 2003, p. 228). Os pesquisadores do campo da pesquisa qualitativa mantêm uma preocupação com sua prática, contribuindo com a emancipação humana e as mudanças sociais e culturais. Neste caso, quem pesquisa marca-se pela realidade social. Aqui, o método pesquisa-ação foi o utilizado para que acontecesse a coleta de dados e o estudo fosse realizado. Tal método:

É um termo genérico para qualquer processo que siga um ciclo no qual se aprimora a prática pela oscilação sistemática entre o agir no campo da prática e investigar a respeito dela. Planeja-se, implementa-se, descrê-se e avalia-se uma mudança para a melhora de sua prática, aprendendo mais, no decorrer do processo, tanto a respeito da prática quanto da própria investigação. (Tripp, 2005, p. 445 e 445).

A pesquisa-ação pode inserir proposta estratégica que facilita a forma de abordagem e contribui com as participações ativas das pessoas, como neste estudo da inserção dos antigos moradores da velha Jacundá e os estudantes da Escola Municipal de Teotônio Apinagés, possibilitando um número grande de participações e socializando com o desenvolvimento das

propostas abordadas na pesquisa. Quem pesquisa percebe em campo uma pluralidade cultural e abandona a autoria única, reconhecendo o empenho ativo dos sujeitos envolvidos durante todo o processo. Desse modo, percebe-se que:

A pesquisa *em* artes visuais implica um trânsito ininterrupto entre prática e teoria. Os conceitos extraídos dos procedimentos práticos são investigados pelo viés da teoria e novamente testados em experimentações práticas, da mesma forma que passamos, sem cessar, do exterior para o interior, e vice-versa, ao deslizarmos a superfície de uma fita de *moebius*. Para o artista, a obra é, ao mesmo tempo, um "processo de formação" (Pareyson, 1991, p.59) e um *processo* no sentido de processamento, de formação de significado. É nessa borda, entre procedimentos diversos transpassados por significações em formação e deslocamentos, que se instaura a pesquisa. A palavra teoria deve ser entendida, nesse caso, muito mais como um campo de conhecimento específico e interdisciplinar do que como um aparato teórico estanque, aplicável como norma ou verdade inquestionável. (Rey, 2002, p. 136).

Com isso, faz-se necessário que, quem pesquisa no campo qualitativo deixe de lado questões ligadas à quantidade, bem como julgamentos e preconceitos que possam vir contaminar a pesquisa, para buscar explicar da melhor maneira possível o porquê das coisas, sem submeter o objeto pesquisado às diversas provas de fatos, pois os dados analisados são passíveis de diferentes abordagens.

Buscando desvelar possibilidades de discussões de como eram constituídas formas e cores dessa cidade, usando o açaí como tinta, no que concerne suas edificações, suas embarcações, praça, escola, objetos, situações do cotidiano, percebi a necessidade de investigar junto aos antigos moradores da cidade, bem como no Museu da Memória de Jacundá, quais possíveis fotografias guardavam dessa cidade do passado, considerando também as conversas, relatos dessas pessoas e os aspectos acima citados sobre a cidade. Lembranças e memórias dessa gente que me foram por demais importantes para a constituição dessa pesquisa.

Bosi (2004, p.39) considera que "(...) a memória é um cabedal infinito do qual só registramos fragmentos". A mente humana não consegue guardar fielmente os fatos. Sempre aparecem lacunas em que são preenchidas com o imaginário, fantasias que podem ser verdadeiras ou não. Neste sentido, após ouvir relatos de algumas pessoas, procurei saber sobre a estética cotidiana da Velha Jacundá. Com isso, compreendi que os moradores com quem conversei não guardam fielmente em suas memórias, cores e formas da cidade. Nem mesmo a cor que tinham as fachadas dos prédios dos principais órgãos públicos, como a prefeitura, Câmara de Vereadores e escolas.

Aqui consta o histórico do antigo município de Jacundá, juntamente com as produções artísticas com o açaí, elemento utilizado como experimento no processo de criação em arte no decorrer desta pesquisa.

Muito deste passado só conhecemos através de relatos de ex-moradores e antigas fotografias em preto e branco do lugar inundado. Algumas dessas antigas imagens hoje são encontradas no Museu Memória de Jacundá e nos arquivos pessoais de alguns ex-moradores da antiga cidade.

Foi um grande desafio para todos os alunos participantes de todas as etapas do projeto, reinventar, através de discussões e experimentações coletivas em desenhos, pinturas com açaí, uma estética diferente às cores do real passado da velha cidade. Barbosa (2008, p. 18) afirma que “cada geração tem direito a reinterpretar sua herança histórica. Por isso, o conhecimento histórico é essencial para a formação da consciência política do indivíduo”. Conforme a autora, todas as gerações podem dar novos ares ou fazer uma releitura da história da qual está inserida.

1 AS CORES DO PASSADO

1.1. De chegada em chegada fez-se a cidade.

As florestas amazônicas apresentam uma gigantesca diversidade de paisagens e escondem bens capazes de aguçar olhas ambiciosos. Loureiro (1995, p. 57) argumenta que “a Amazônia sempre teve o dom de impressionar, desde os primeiros tempos da Colônia”. Homens se deslocaram de lugares distantes para aventurar-se e ocupar os espaços verdes, em busca das riquezas naturais encontradas nas entranhas da encantadora floresta, apropriando-se dos territórios já habitados por povos indígenas, fato que ocorreu não somente às margens do Rio Tocantins, mas também em outras regiões da região Amazônica.

Na década de 70, com o surgimento da Rodovia PA-150⁴ e da Barragem de Tucuruí, outra cidade, Jacundá, começava a ser projetada às margens da Rodovia Paulo Fontelles. A hidrelétrica de Tucuruí, mesmo trazendo progresso ao município, também trouxe destruição e esquecimento de antigas memórias da Velha Jacundá. A cidade localizava-se onde hoje encontram as águas represadas do Rio Tocantins.

Silveira (2001, p. 37) relata que ao longo dos séculos XVI e XVII ocorreu a apreensão dos povos indígenas Gaviões Parkatêjês, que habitavam às margens dos igarapés e afluentes do Tocantins e foram os primeiros habitantes daquele lugar. Muitas incursões partiram da região belenense, patrocinadas por fazendeiros, a fim de submeter esses povos ao trabalho da lavoura.

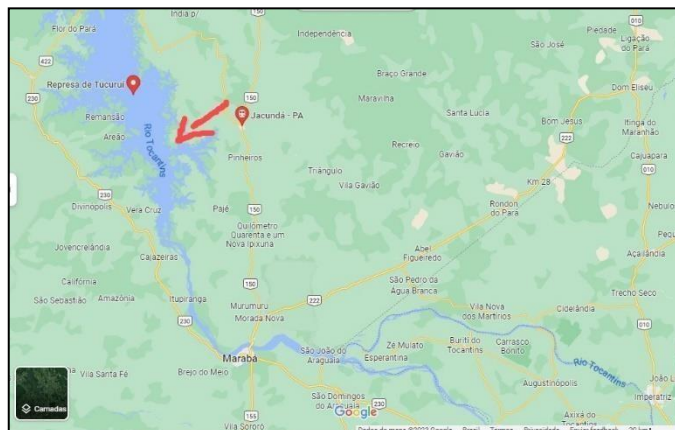
Desses contatos, muitas tribos foram dizimadas, salvando-se apenas alguns grupos que passaram a viver isolados de seus espaços geográficos, sempre fugindo das investidas dos coronéis. De forma resistente, os Gaviões sobreviveram aos ataques e fixaram suas moradias em Jacundá, mesmo antes de a cidade ser formada.

A memória de Jacundá atribui a fatos importantes ocorridos desde a fundação do povoado no ano de 1915, com a chegada do Coronel Francisco Acácio de Figueiredo e seus homens, que firmaram suas residências a 07 quilômetros acima da foz do Rio Jacundá e a 500m acima da Cachoeira do Itaboca, uma das mais perigosas da região, onde estes homens começaram a exercer a atividade da extração do caucho.

⁴ Rodovia Paulo Fonteles que liga as localidades entre Goianésia do Pará e Marabá.

A figura 43 mostra o atual local do município. Contudo, dá para analisar onde a cidade foi fundada, pois a distância entre a Nova Jacundá e a represa da Usina Hidrelétrica de Tucuruí (UHT) é apenas de 47 quilômetros.

FIGURA 01 – MAPA COM A LOCALIZAÇÃO DO ANTIGO MUNICÍPIO DE JACUNDÁ



Fonte: Google Maps (2023)

Logo, comprovando a escassez da árvore nas proximidades, os ocupantes decidiram adentrar à mata de maneira que se tornou inevitável o confronto com os povos indígenas Gaviões, habitantes da localidade, dos quais tratarei adiante.

Movidos pela preocupação de possíveis ataques desses povos, esses homens mudaram-se para a foz do rio Jacundá, um pouco acima da cachoeira do Itaboca. Porém, os confrontos continuaram tendo que mudar-se pela terceira vez, definitivamente, para a entrada do Itaboca, às margens do Rio Tocantins, onde se constituiu a cidade de Jacundá.

FIGURA 02 - PORTO DA VELHA JACUNDÁ.



Fonte: Acervo Museu Memória de Jacundá [s.d.]

Dias (2013, p. 13) relata que o primeiro morador da cidade de Jacundá foi o Senhor João Pire. Este fixou sua casa às margens do Rio Tocantins, abaixo da foz do Rio Jacundá. Longe de todos, pois o acesso era somente pelo rio, preferiu morar ali com sua família para apreciar a paisagem e o pequeno movimento dos poucos barqueiros que por ali passavam.

Os barqueiros passavam pela localidade em busca do caucho e da castanha-do-pará, mas ao observar a casa de taipa às margens do rio, começaram a atracar ali, onde futuramente se constituiu o primeiro porto de Jacundá. Logo, o Senhor João Pires passou a ter vizinhos, pois esses homens trouxeram suas famílias, tornando-se definitivamente moradores de Jacundá. Às margens do Rio Tocantins, casas, escolas, prédios públicos foram sendo construídos não por arquitetos ou engenheiros da Eletronorte, mas pelos próprios moradores, que lhe deram diferentes formas de imóveis que constituiu a cidade.

Por volta de 1930, o acesso ao antigo município a outros lugares era muito difícil, como nos diversos lugares dessa imensa Amazônia onde estamos situados. Diante das dificuldades de locomoção, a maior preocupação dos moradores era a de serem acometidos por alguma doença ou outras situações inesperadas.

Os caminhões transportavam pessoas e bagagens até determinados lugarejos para depois tomarem embarcações, que na sua maioria eram pequenos barcos que demoravam dias para chegar a seus destinos, dependendo onde se desejava chegar. Isso já era um grande avanço, pois antes destes barcos motorizados eram as canoas que utilizavam como transportes, ou ainda, pequenos barcos denominados *pentas*⁵, que demoravam mais dias para chegar ao destino. Uma situação ainda muito peculiar na região amazônica.

Um fato que me tocou bastante como mulher e mãe, foi a situação das grávidas da sede da Velha Jacundá. As gestantes não tinham acompanhamento médico durante a gestação e nem na hora de dar à luz. Eram assistidas por parteiras, umas habilidosas, outras nem tanto. Muitas vezes passavam dias com dores, esgotadas as forças, eram retiradas para Marabá, porém, antes de chegarem ao destino, faleciam, pois o acesso se dava apenas pelo Rio Tocantins. A aluna Eriplane Nunes Rocha, 14 anos, aluna do 8º ano da EMEF Teotônio Apinagés, produziu seu trabalho artístico referente as grávidas da cidade submersa de acordo a sua imaginação. Ela pintou a imagem usando a técnica descrita nos capítulos anteriores.

FIGURA 03 - PINTURA EM TELA: “A PARTEIRA”. AUTORA: ERISLANE

⁵ Tipos de motor de lanchas.



Fonte: Alessandra Freitas (2022)

Em uma entrevista concedida a mim no dia 28 de janeiro de 2023, o Senhor Odaci Braga Oliveira, 59 anos, nascido na Vila Jatobal, município da Velha Jacundá, morador da Vila Santa Rosa, localizada às margens do lago da UHT, disse que sua mãe, a Senhora Maria José Moura, era uma parteira extremamente habilidosa, fazia o acompanhamento das grávidas, “mexia as barrigas” delas e detectava várias situações, como, por exemplo, a posição do feto e, às vezes, até o sexo do bebê. Ele relatou ainda que no momento do parto, se algo saísse do normal e houvesse complicações, a mulher era encaminhada ao postinho de saúde da vila e dali seguia para Marabá. Segundo ele, o acesso à Vila Jatobal era melhor que o da sede da cidade, pois tinham a opção da rodovia da Transamazônica.

Mesmo com estas e outras dificuldades, a população não queria deixar sua cidade. Leopoldino Martins Dias, 82 anos, ex-morador do antigo município, em uma entrevista concedida a mim no dia 26 de dezembro de 2016, desabafou:

A gente não tinha quase nada. Só o que a gente tinha era paz, tranquilidade, conhecimento, amizade com todos, mas a gente não vivia bem porque todo mundo adoece e na hora da saúde, cadê o posto de saúde? Cadê a farmácia? Cadê o médico? Cadê o enfermeiro? Não tinha. Então a gente vivia desse jeito, mas o povo se acostumou e não queriam sair de lá (informação verbal)⁶.

Jacundá, na segunda década do século XX, continuou a receber um grande fluxo migratório, agora não só motivados pela extração da Castanha-do-Pará e do caucho, mas também pelo trabalho na Estrada de Ferro Tocantins, que andava lentamente desde o final do século passado, margeando o rio. O objetivo do projeto dessa linha de ferro foi fazer a ligação

⁶ Entrevista concedida por DIAS, Leopoldino Martins [2016]. Entrevistadora: Elsamar Silva dos Santos Emerique. Jacundá, 2016.

entre o sudeste do Pará e o norte do Goiás, iniciando em Tucuruí, passando pelo Porto Jatobal, vila pertencente a Jacundá.

Dias (2013, p. 21) ainda comenta que, em 1938, foi descoberto o grande garimpo de diamantes no Pedral, área coberta de praias, pedras e goiabeiras. Mas só era possível ver o Pedral no verão, época em que o rio Tocantins estava em seu leito.

O diamante nessa região era encontrado com facilidade e a notícia se espalhou por todo o Brasil, atraindo gente de grande parte dos estados brasileiros na esperança de enriquecer.

FIGURA 04 - FOTO GARIMPO DE DIAMANTES DA VELHA JACUNDÁ.



Fonte: Museu Memórias de Jacundá (s.d.)

(...) Tuas águas para mar.
É lá o teu destino
Aqui não é teu lugar (...) ⁷

O sistema do garimpo é semelhante ao do narcotráfico, e, em última análise, à tática geopolítica do colonialismo em geral: o serviço sujo é feito por homens miseráveis, violentos e desesperados, mas quem financia e controla o dispositivo, ficando naturalmente com o lucro, está a salvo e confortável bem longe do front, protegido por imunidades as mais diversas (Albert 2015, p. 23).

Sabe-se que os investidores são os que ficam com a maior parte do lucro. No caso do garimpo de diamantes da Velha Jacundá, esse forte investimento vinha de Marabá, causando um grande impacto econômico no referido município, bem diferente do lugar de onde era retirado o minério, pois se desconhece alguma pessoa enriquecida ou uma obra realizada em benefício da cidade submersa que tenha se adquirido através desse garimpo.

⁷ Música Toca Tocantins de Nilson Chaves

Silveira (2001, p. 54) relata que a chegada dos garimpeiros se dava pelo Rio Tocantins, melhor via de acesso à região. Porém, existia também o transporte aéreo, no entanto, somente pela elite, grandes comerciantes, políticos e “donos” de garimpos.

O garimpo durou 20 anos, sendo que depois de 1960 não foi mais possível encontrar diamantes, não por ter acabado, mas por estarem somente nos lugares de mais difícil acesso: nas temidas cachoeira de Capitariquara e Itaboca. Hoje, também é impossível garimpar na região, pois as minas estão nas profundezas da represa da Usina Hidrelétrica de Tucuruí.

Veja só, toda essa água diz bem mais do que podemos ver
Nesses sons suaves, existe a intensa dor de um triste fim.
Pra que chamar isso de evolução
Se não há a menor intenção
De ciar o bem de uma população... (Lopes, 1959)⁸.

Mas, foi nesta região banhada pelo Rio Tocantins que muitas pessoas encontraram facilmente diversos diamantes, sendo na sua maioria oriundas dos estados de Goiás e Maranhão. Jacundá tinha o segundo maior garimpo de diamantes, perdendo apenas para Ipixuna. Mas quando vinham as chuvas do mês de novembro, o Rio Tocantins expulsa todos os garimpeiros de seu leito.

A fundação da cidade aconteceu em 1961, quando alguns senhores moradores de Jacundá, como Inácio Pinto da Silva, José Soares, Fortunato Soares e José Pereira (Zuza) reivindicaram o desmembramento de Jacundá da administração de Itupiranga. Com isso, em 29 de dezembro de 1961, a Assembleia Legislativa do Estado do Pará aprovou a Lei de Nº 2.460 que criou o município de Jacundá. Sua sede foi instalada no dia 31 de março de 1962, tendo como primeiro prefeito interinamente nomeado o Sr. Manoel de Freitas. Em outubro de 1962, houve a primeira eleição municipal, onde o senhor Inácio Pinto da Silva foi eleito como primeiro prefeito de Jacundá, juntamente com seu vice-prefeito, o senhor José Pontes, e mais sete vereadores.

FIGURA 05- FOTO DESEMBARQUE DO BISPO DA DIOCESE DE MARABÁ, NA VELHA JACUNDÁ. DÉCADA DE 70.

⁸ Música Rio Tocantins de Guilherme Lopes



Fonte: Acervo do Museu Memória de Jacundá (s.d.)

Durante seus quatro anos de mandato, este prefeito construiu os seguintes prédios públicos: a Escola Municipal Coronel. João Pinheiro, a Delegacia de Polícia, o Posto de Saúde, o Fórum de Justiça, uma rampa de acostamento do porto da cidade e também revitalizou uma antiga casa para o funcionamento da Câmara de Vereadores.

FIGURA 06- DESFILE ESCOLAR DE 7 DE SETEMBRO EM FRENTE À CÂMARA DE VEREADORES DA VELHA JACUNDÁ. POR VOLTA DE 1970.



Fonte: Livro Cidade Submersa (2001)

E ainda o prefeito deu início à construção do prédio da Prefeitura Municipal de Jacundá. O seu sucessor, o senhor José Pontes, construiu uma pista de pouso para pequenos aviões, bem como terminou de construir o prédio da Prefeitura e outro prédio de dois pavimentos que abrigou uma sala de aula na parte inferior e na parte superior a Câmara de Vereadores.

A cidade só é cidade porque se ergue através desse conjunto. São pessoas, animais, edifícios, casas, monumentos, automóveis, aves, bicicletas, ônibus, aviões, imagens, vegetações, lixo, chuva impontual que constroem essa grande ágora, esse grande reduto (Souza, 2012, p. 117).

A cidade de Jacundá é resultado dos adventos da modernidade e das incessantes modificações civilizatórias pelas quais os homens e as mulheres vêm passando, e que tornaram possíveis as transformações dos espaços citadinos. Recordar esses fatos pertencentes ao patrimônio histórico de Jacundá, acontecidos a décadas, é trazer para o exterior afetos da alma. É perceber metáforas, plasticidades, vegetações, animais, todo o contexto pelo qual essa cidade era composta. É vivenciar memórias, como bem aborda Ecléa Bosi (1994, p. 68).

Contudo, se faz necessário perceber que:

A cidade quando permite aos seus “pares” sua apropriação, a torna vivenciada, que entra em prática e consonância com seus corpos deixa de ser apenas um cenário urbano movimentado à primeira vista, mas uma configuração que ganha corpo e gesta vários espaços para que esses pares sejam expostos, conduzidos à liberdade, mas em muitos casos, a sua própria prisão. Não uma liberdade ou prisão colocada entre aspas, mas lhes dando os caminhos para ir e vir, ou de nunca mais voltar, disponibilizando a cada um, e a cada uma também, a possibilidade de contribuição na continuidade de sua formação como cidade (Souza, 2012, p. 117).

A cidade é constituída como uma ágora aberta em devir. Em constante construção, modificação que se ergue por determinados conjuntos de coisas, fauna, flora e pessoas. São as pessoas que constituem a cidade, como salienta Souza (2012). Os elementos que compunham a velha Jacundá não eram tão diferentes dos citados acima pelo autor. Mesmo não constando na história dessa cidade a existência de edifícios e monumentos grandiosos, outros agregavam-se no mesmo local, construindo a cidade. Assim, Jacundá necessita desses componentes para ser uma cidade.

FIGURA 07 - FOTO VELHA JACUNDÁ EM 1970



Fonte: Acervo Museu Memória de Jacundá. Provavelmente década de 1970

(...) a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo interfere no processo “atual” das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (Bosi, 1994, p 46).

A lembrança tem o poder de interferir no bem-estar do corpo presente. Quando se recorda algo bom, o corpo parece receber uma avalanche de energia que permite a pessoa ter a sensação de estar vivenciando aquele determinado fato outra vez. Acontece quase da mesma forma quando se recorda algo triste, recebe uma sensação de desconforto trazido pela memória. Desagradável tão qual desagradável foi afogar com muita água a vida, a fauna, a flora, as coisas, as ruas, as edificações, os sonhos e a intimidade das moradias e das pessoas de Jacundá.

A construção dessa barragem custou a vida de Jacundá e de seus habitantes. Esses deixaram para trás suas histórias, seu lugar, suas coisas, seus sonhos para recomeçar suas vidas em outro lugar. Uma cidade sendo invadida pela água é uma cidade que nunca mais vai voltar.

3.2 E a cidade virou rio

Em 2016, entrevistei quatro expropriados da Velha Jacundá: Leopoldino Martins Dias, 81 anos, (falecido em 2019); Raimundo Rodrigues Santos, 78 anos, (falecido em 2021, vítima da Covid-19), Leoeze Martins Dias, 50 anos e a professora aposentada Rosa Pedra Gurgel, 60 anos. Os relatos desses antigos moradores não se divergem no que se refere às negociações realizadas, mas não cumpridas pela Eletronorte sobre as indenizações necessárias para o remanejamento de toda população jacundaense para outro local. Segundo os relatos dos entrevistados, o levantamento da área que seria inundada pela Eletronorte iniciou em 1977. Essa notícia abalou profundamente os moradores, mas os funcionários da empresa propuseram uma negociação satisfatória e irrecusável, mas enganosa.

Ficou acordado que a empresa os remanejaria para uma cidade pronta com saneamento e arborização e todos receberiam uma casa, alimentação, bem como um salário mínimo até adaptarem-se a nova realidade. Os valores provenientes da avaliação das propriedades rurais seriam ressarcidos e os respectivos proprietários receberiam um lote de terra de 100 hectares e uma casa rural padronizada (Silveira, 2001, p. 91).

Alguns desses acordos da empresa com os moradores citados pelo autor não foram cumpridos, segundo os relatos dos entrevistados. Mas, diante da tentadora proposta, aceitaram a negociação e assinaram toda a documentação necessária, mesmo alguns deles não acreditando que o Tocantins iria invadir seus lugares, suas casas, suas vidas, suas terras. A Eletronorte enganou muitos expropriados, fazendo-os até assinarem documentos em branco, já que a maioria era analfabeta.

Os dias foram passando e junto vieram os conflitos, pois o processo de remanejamento demorou mais do que os moradores imaginavam, segundo as abordagens de Dias (2013). Com isso, os moradores foram intimidados e proibidos de plantar ou criar por três anos em suas próprias terras, já que a área seria inundada e eles tinham que seguir as ordens da Eletronorte.

Era grande a dificuldade dos expropriados. A Eletronorte ficou de disponibilizar carros para a transferência das famílias, bem como todos os seus pertences, desde animais até urnas funerárias para abrigar os ossos dos seus entes queridos. Mas isso não aconteceu em tempo hábil, até porque as casas para onde se deslocariam, situadas na Vila Arrais, não estavam prontas.

Com tudo isso, a indução que realizaram fez com que a natureza não esperasse e as águas do Rio Tocantins já estava subindo lentamente, alagando primeiramente as áreas mais baixas, no caso as matas e a sede do município de Jacundá, segundo o depoimento da professora Rosa Gurgel.

Muitos moradores não sabiam para onde ir, e os que sabiam não tinham condições para tal por falta de transporte, pois a empresa não pagou a metade do valor da avaliação dos imóveis, fazendo os expropriados assinarem documentos em branco, exigindo que o período da transferência tivesse que acontecer em 05 meses. Eles não tinham praticamente nada, pois num período de três anos não podiam criar, plantar e colher. Quem tinha condição não esperava, mudava logo para onde queria.

Aos poucos iam se dispersando e o número de moradores da cidade ia diminuindo, tanto da área que era considerada zona rural como da dita urbana. Sobre essas denominações, Argan (2005, p. 17) aborda que “não deve haver uma separação entre zona urbana e zona rural, como também entre zona ‘histórica’ e zona ‘moderna’, afinal, todos estes espaços vistos como um todo, constrói a cidade”. Mesmo assim, os antigos moradores de Jacundá pensavam a cidade com essa divisão ou denominações. Para eles, zona rural e zona urbana formaram a cidade que foi submersa, tornando-a num local de diversas histórias, separadas pelas águas, mas que têm uma história em comum: a inundação causada pela construção da hidrelétrica de

Tucuruí. O fato ocorrido contemplou dolorosamente a vida e a cultura de todos, independentemente do local, criando assim uma só história e várias memórias.

Cada dia que passava se tornava mais difícil para os que ficavam, pois aumentava o desprezo e a falta de compromisso das autoridades e da Eletronorte. A preocupação do expropriado era muito grande. Cada família arrumava a sua bagagem como podia. Por mais que quisessem levar tudo, não conseguiam. Muitas coisas foram deixadas para trás: objetos, casas, praças, embarcações, etc. Memórias de pessoas e da cidade submergidas. Constituição de suas culturas deixada para trás. Submersas, alagadas, inundadas e destruídas pelo dito e necessário progresso.

FIGURA 08 – FOTO INUNDAÇÃO DA ANTIGA CIDADE DE JACUNDÁ



Fonte: Acervo - Museu Memória de Jacundá (s.d.)

Com tudo, os animais começaram a chegar aos povoados procurando refúgio. A “Operação Curupira”⁹ não foi tão eficiente com a fauna, deixando a maioria dos animais morrer. Os moradores foram beneficiados com a presença de caças que chegavam procurando abrigo, porém muitos animais ferozes foram mortos pelos próprios moradores na intenção de se defenderem. Aqueles que já estavam prontos para a mudança tinha que comunicar a Eletronorte para efetuar o transporte. Porém, os caminhões da empresa, assim esta comunicava, eram poucos, não dando para atender a demanda dos moradores em tempo hábil. Demorou 10 meses para que tudo fosse concluído.

(...) É lá o teu destino,
Aqui não é teu lugar
Que viva o açazeiro
A arara e o tamuatá
Não matem o mato inteiro (...) Lopes, 2017

⁹ Operação realizada pelo IBAMA para salvamento das espécies da região inundada pela construção da Usina Hidrelétrica de Tucuruí.

Mesmo com muito apelo e muita resistência de moradores, tudo foi inundado. Todo o mato, roças, açáizais, castanhais foram devastados. A única canção que restou foi a do barulho das águas.

FIGURA 09 - A CAIXA D'ÁGUA



Fonte: Emerique (2023)

No dia 15 de maio de 1980, o prefeito Bianor Paixão transferiu oficialmente todo o município de Jacundá para a Vila Arraias, levando consigo todos os órgãos públicos e o título da cidade, deixando para trás uma cidade totalmente submersa e destruída. Posso comparar esse final trágico da Velha Jacundá com a cidade de Zora.

(...) cidade que quem viu uma vez nunca mais consegue esquecer, mas não porque deixe, como outras cidades memoráveis, uma imagem extraordinária nas suas recordações. Zora tem a propriedade de permanecer na memória ponto a ponto, na sucessão das ruas e das casas ao longo das ruas e das portas e janelas das casas, apesar de não demonstrar particular beleza ou raridade. O seu segredo é o modo pelo qual o olhar percorre as figuras que se sucedem como uma partitura musical da qual não se pode modificar ou deslocar nenhuma nota (Calvino, 1999, p. 19).

Zora, a cidade descrita pelo personagem Marco Polo no livro *As Cidades Invisíveis*, de Ítalo Calvino, fica na memória não por sua beleza, mas pela imagem projetada de diversos pontos do qual cada um deixa sua recordação. O jovem veneziano compara Zora a uma partitura musical. Bem se sabe que as figuras que compõem uma partitura, apesar de não se enfileirarem de forma simétricas no pentagrama, produzem um som, uma harmonia. Assim

era a cidade da qual foi capaz de construir uma memória viva com quem a percebeu, mesmo o narrador a denominando com a “terra esquecida”.

Para mim é coerente comparar Zora à Velha Jacundá, por ter deixado recordações extraordinárias na vida de quem morou nela. Com seu aspecto peculiar e cativante de cidade pequena do interior, gravou, na memória, uma história incapaz de ser destruída pelas águas da represa da UHT. As imagens das suas ruas, praias, janelas, portas, porto, mercado permanecem na memória de muitos e estes passeiam por ela sempre que sentem saudades.

3.3 E os gaviões voaram de seus ninhos.

Em meio à floresta verdejante, às margens dos igarapés afluentes do Rio Tocantins, habitavam os povos indígenas Gaviões Parkatêjês. Rodeados de beleza exuberante e aspectos peculiares da floresta Amazônica, estavam circundados de riquezas naturais de um verdejante mar em fauna e flora.

O que marca um lugar? A paisagem? O cheiro? Os sons? Os corpos que se locomovem? A bandeira? O território? Percebo a Amazônia em uma mudança sem fim, na qual não cumpro os imensos caminhos e perco-me na diversidade da água, da terra. Sou engolida pela cultura que se desdobra em tantas e transforma-se sem que eu tenha a chance de conhecê-la. Sinto-me estrangeira, não pertencço ao que pensei pertencer, vago em um universo infinito, sem conseguir fixar-me em um ponto ou parar para ouvir, ver. Por essa razão começo pelo olho perfurado, pelos pés que percorrem as matas, se molham à beira do córrego. São pés que ali não nasceram, mas que são capazes de distinguir o rio, conhecer qual graveto tornar-se-á suficientemente afiado para penetrar a caixa preta e permitir a luz até que a imagem se forme (Mokarzel, 2013, p. 37).

Diante de imensurável beleza e diversidade apresentada no trabalho *Hagakure*, do fotógrafo Miguel Chikaoka, da qual o professor e educador “evidencia a total entrega à experiência do ver, do enxergar, metaforizando o gesto de se permitir atravessar com espinhos a imagem dos seus olhos, na busca extrema da liberdade para ver além” (Maneschy, 2013, p. 21). A pesquisadora e curadora Marisa Mokarzel relata que o trabalho do artista traz infinitas possibilidades de criação de imagens a formarem-se dessa Amazônia, daqui ou de qualquer canto, de forma poética e peculiar desse lugar.

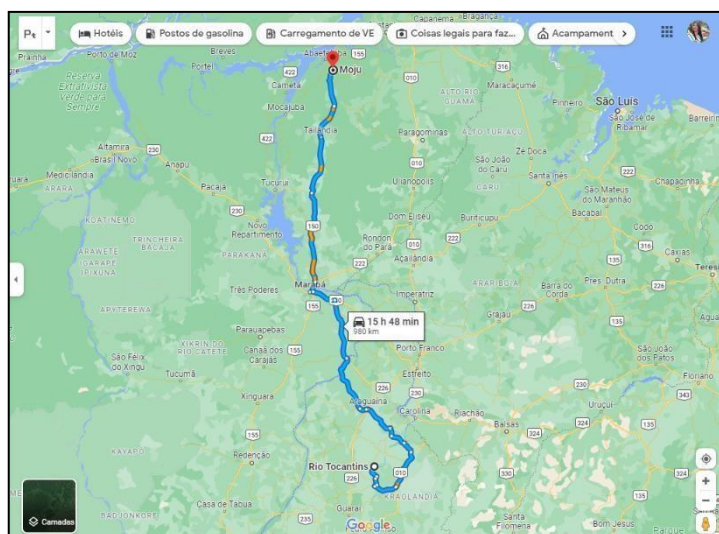
A autora é capaz de me conduzir, por meio da sua descrição, a conhecer esse lugar, mas também me fazer “ser engolida” por esse território imaginável que sustentou as razões que levaram os Gaviões a enfrentarem tantas lutas em prol da defesa de suas paisagens, de seus sons, de seu território, de onde usufruíam das diversas riquezas da terra e das águas dos

rios que banhavam a região. Esses povos eram os verdadeiros donos daquele chão que fora drasticamente inundado.

Os indígenas Gaviões são sobreviventes das capturas de fazendeiros que insistiram em querer “civilizá-los” e adaptá-los ao trabalho de suas lavouras. Povo de origem Timbira¹⁰ os quais foram dizimados nos estados do Maranhão, Tocantins e Pará. A língua Timbira é a “Jê”, que se origina da *Família Jê*, povo nativo sul-americano. Desses contatos com o “branco”, alguns grupos passaram a viver isolados em seus espaços geográficos, sempre na tentativa de se proteger. Segundo Junior (2014, p. 12), os povos indígenas Gaviões ainda são subdivididos em três grupos: *Akrãtikatêjê*, *Parkatêjê* e *Kyikatêjê*. *Parkatêjê* é nome que os próprios indígenas se autodenominaram por serem “povos jusantes”¹¹.

As aldeias dos Gaviões ficavam nas nascentes dos rios Tocantins e Moju, onde permaneceram até meandros da década de 1960.

FIGURA 10 – LOCALIZAÇÃO DAS ANTIGAS TERRAS DOS GAVIÕES PARKATEJÊS



Fonte: Google Maps (2023)

Silveira (2001, p. 38) relata que os primeiros contatos dos indígenas com os regionais foram pacíficos e se deram quando os moradores construíram abrigos provisórios às margens do Rio Tocantins. Os impasses iniciaram à medida que a Castanha-do-Pará adquiriu importância para a economia regional e os castanheiros passaram a apossar-se das suas terras. Na tentativa de proteger seu território, travaram lutas ferrenhas contra todos que apostaram fixar moradias em suas terras.

¹⁰ É o nome que designa um conjunto de povos Apanyekra, Apinayé, Canela, Gavião do Oeste, Krahó, Krinkatí, Pukobyê.

¹¹ Refluxo da maré vazante.

No centro da Floresta Amazônica, local em que ficavam as aldeias, estava a maior concentração desta árvore. Sobre esse contato, o senhor Raimundo R. Rodrigues, ex-morador da Velha Jacundá, apesar de colocar o povo jacundaense como vítima, reconhece que os indígenas estavam defendendo o seu território. “Os Gaviões eram muito bravos e mataram muitos castanheiros, mas eles não invadiram o território do branco, foi o branco que invadiu o território deles” (informação verbal)¹². Afirmou ele em uma conversa comigo realizada na sua casa no dia 26 de dezembro de 2016.

Em um desses confrontos, o esposo de Dona Rosária Cunha foi morto pelos indígenas enquanto colhia açaí, com menos de 600 metros do povoado. Os moradores ouviram os gritos de pedido de socorro, correram até o local, mas era tarde demais. José Alves Cunha foi morto com mais de 60 flechadas, tendo seu corpo ficado totalmente deformado e nem puderam colocá-lo em uma urna funerária. Foi sepultado na sua própria rede.

Dias (2013, p. 14) também reconhece o ato imprudente dos posseiros e comenta que diante de todos esses fatos de violência, entende a razão da fúria desses povos indígenas, quando compara a chegada dos primeiros moradores em Jacundá com a chegada de Pedro Álvares Cabral ao Brasil em se deparar com uma terra rica e habitada por povos nativos.

“O que falta em inteligência e descortino sobra em ganância e violência” (Albert, 2015, p. 23). A ambição e a falta de sensatez levaram os colonizadores e os invasores da Velha Jacundá ao ataque abissal dos povos nativos, os verdadeiros donos do lugar. Esses homens não tinham um plano respeitoso, pelo contrário, as aldeias e os seus habitantes pareciam invisíveis aos seus olhos, a tomada do território era o que lhes interessava.

Na verdade, os massacres contra os povos indígenas não se deram somente na época da colonização. Atualmente ainda acontecem e o poder público não faz muita coisa para cessar tal genocídio.

Em nome do “Progre\$\$o”, terras indígenas são e/ou foram invadidas por grileiros que expulsam seus verdadeiros donos. Com isso, a comunidade indígena vai sendo achatada e dizimada. Devido à construção das Rodovias PA-70 na década de 60, que liga Marabá à Belém/Brasília e Transamazônica, uma reserva foi destinada a estes povos, dos quais foram remanejados para Mãe Maria, área localizada no município de Bom Jesus do Tocantins. Júnior (2014, p. 46) relata que somente em agosto de 1986 fora assinado pelo ex-presidente José Sarney decreto que homologara esta área de 62.488 dos povos indígenas Gaviões Parkatejês.

¹² Informação fornecida por RODRIGUES, Raimundo R.[2016] durante visita da autora Elsamar Silva dos Santos Emerique à sua residência. Jacundá, 2016.

Mesmo já tendo sidos remanejados para (TI) Mãe Maria, ainda havia moradias dos Gaviões no *Cocal*, aldeia anteriormente habitada por eles. Conta o senhor Raimundo R. Rodrigues que todos os anos eles voltavam para suas moradias, onde permaneciam durante todo o inverno. Na década de 80, os Gaviões tiveram que voar para nunca mais voltar, pois todo o território foi coberto pelas águas de reservatório da UHT, expulsando-os totalmente de suas terras.

Essas questões, de anos atrás ou da atualidade, estão geralmente ligadas a construção de hidrelétricas, às aberturas de rodovias, a criação de gados, a agricultura de soja ou de outros grãos, a exploração de minérios, bem como à grilagem e a outros ataques. Dizimar Indígenas não é pop e nem é progresso. Mas, injustamente, são questões que fizeram e fazem parte da história dos Gaviões, de outras populações indígenas, além da inundação da cidade de Jacundá e da sua própria [re]invenção em outro lugar. Imagens e memórias gravadas na história.

3.4 Das imagens pintou-se memórias

Como parte da pesquisa, propus-me a entrevistar pessoas expropriadas e outras ligadas às questões relacionadas à memória Velha Jacundá, das quais forneceram relatos, fotografias dos pontos da cidade e pessoas memoráveis.

A primeira entrevista foi com o Sr. Leopoldino Martins Dias, 81 anos, em dezembro de 2016, falecido em 2019. Seu Lió, como era conhecido, foi uma pessoa de grande relevância para Jacundá, mesmo sendo natural do estado de Goiás, contribuiu com a formação do lugar, bem como escreveu um livro do qual essa pesquisa recorreu.

Já avançado em idade com mais de 80 anos, me recebeu em sua casa e se dispôs a falar sobre a Velha Jacundá. A conversa foi gravada em vídeo com a finalidade da produção de um minidocumentário. Por mais que ele tenha um livro onde relata toda a história, quis ouvi-lo pessoalmente. No início da conversa ele falou que resolveu escrever o livro porque sempre estava dando entrevista para alguém interessado em saber a história. Cansado pela idade, estava ficando difícil atender todos que o procuravam. Mesmo assim, não se recusou a falar sobre o assunto. Senhor Lió falou sobre o aspecto da cidade, já descrito anteriormente.

FIGURA 11 - ENTREVISTA COM O SENHOR LEOPOLDINO MARTINS DIAS



Fonte: Oswaldo Emerique (2016)

Ao perguntar sua opinião sobre a transferência da cidade, o senhor Lió me surpreendeu em responder que foi bom.

A transferência para cá foi uma boa, porque aqui a gente apesar de não oferecer as condições necessárias que nós precisamos, mas em comparação com a Velha Jacundá é um paraíso. Aqui temos supermercado, várias farmácias e uma “Sespa¹³”, que funciona ruim, mas funciona. Tem um médico para dizer alguma coisa (informação verbal)¹⁴.

Surpreendi-me com esta declaração por interpretar a história escrita por ele no livro “*História da Antiga e Nova Jacundá*”, sobre a transferência como um fato triste e desagradável para si e os demais ex-moradores. Mas logo compreendi que o seu posicionamento no momento da entrevista estava ligado aos problemas de saúde que enfrentava e necessitar constantemente de acompanhamentos médicos.

Assim que estava concluindo a conversa com o Sr. Lió, chegou o seu filho, Loeze Nunes Martins, diretor do “Museu Memória de Jacundá”. Imediatamente começamos a nossa conversa, pois já planejava procurá-lo.

Começou falando da sua infância, onde ele relatou das brincadeiras nas ruas da pequena cidade.

Lá a gente tinha o grande contador de história. Tinha lá um senhor que por volta das 6h (18h) reunia as crianças e contava as histórias. Lia os livros para gente e eu me lembro desse detalhe, porque reunia um bando de menino, mais ou menos de 12 crianças para ouvir esse rapaz contar as histórias. Eu ainda lembro de uma história que chamava “o pavão misterioso”, era muito bom porque a gente se imaginava aquele pavão, naquele castelo, e a gente realmente viajava na história contada. A

¹³ Secretaria de Saúde do Estado do Pará.

¹⁴ Informação fornecida por DIAS, Leopoldino Martins [2016] durante visita da autora Elsamar Silva dos Santos Emerique à sua residência. Jacundá, 2016.

gente gostava de brincar no rio. Andar de canoa, pular de pontinha. Tinha várias brincadeiras na beira do rio (informação verbal)¹⁵.

FIGURA 12 - ENTREVISTA COM LEOEZE NUNES MARTINS



Fonte: Oswaldo Emerique (2016)

A fala de Leoeze sobre o rio me remete a Loureiro (2001, p.140), quando descreve poeticamente a paisagem flúvio-florestal amazônica. Percebi que Leoeze tinha uma grande intimidade com o Rio Tocantins quando relatou outra brincadeira em suas águas.

Eu não tinha medo de “rebojo”. Eu pulava de um pé de ingá, atrás da casa da Dona Consola. Quando eu pulava dentro de uma cachoeira, de uma borbulha, eu sabia que aquele remanso vinha trazer a gente. Eu mergulhava e deixava a água levar e logo em seguida, atrás de uma pedra vinha um remanso e eu conseguia voltar (informação verbal)¹⁶.

Leoeze finalizou essa história citando o fato ocorrido com o ator Domingos Montagner, que morreu em setembro passado, afogado no Rio São Francisco. Acredita que o ator morreu por não saber como lidar com o “rebojo”¹⁷.

“Entre os rios e os igarapés amazônicos, as crianças inventam e reinventam formas de brincar” (Toutonge e Freitas, 2022, p. 81). A imaginação e a diversão têm espaço na vida das crianças amazônicas. Banhar no rio é mais que um ato higiênico, pessoal, é brincadeira, é invenção, é intimidade com a natureza. Leoeze também relatou sobre um jovem contador de histórias que morava na Velha Jacundá. Sem televisão, o rapaz reunia as crianças à “boca da

¹⁵ Informação fornecida por MARTINS, Leoleze Nunes [2016] durante visita da autora Elsamar Silva dos Santos Emerique à sua residência. Jacundá, 2016.

¹⁶ *Idem*, 2016.

¹⁷ Rebojo é o movimento de rotação em espiral causado por queda de cachoeira; remoinho

noite” para contar-lhes histórias. Loeze recorda da história do “Pavão Misterioso”. Disse que se via naquele castelo, do qual consta na narrativa.

Seguindo com as entrevistas, conversei com a professora aposentada Rosa Pedra Gurgel, 69 anos, no dia 6 de dezembro de 2016. No primeiro momento, ela falou sobre a sua chegada no antigo município e a educação de lá.

Eu fui morar em Jacundá a partir de 1975 com a minha irmã Wanderlina Lopes Pedra Moreira que era diretora da Escola Teotônio Apinajés. A diretora da Escola Coronel João Pinheiro era a dona Aida Pinto Sanches. Então naquela época quando eu cheguei Valfredo meu marido já lecionava lá. Quando foi em 1977, minha irmã conseguiu uma vaga para eu dá aula também. Fui para Marabá, fiz os estágios e comecei a trabalhar. Mas fiquei só seis meses. Foi quando fiz o concurso para o correio e passei, então, me mudei para Jacundá Velho onde ficava a sede do correio. A educação lá era muito simples.

Lá só tinha até a 5ª série primária. De vez enquanto acontecia um “rem rem rem”¹⁸ entre as duas diretoras. Porque antes, a dona Aida era diretora das duas escolas, tanto da Vila Jatobal quanto de Jacundá. Quando passou a escola da Vila Jatobal a ser do estado, dona Aida ainda queria ficar com as duas. Aí de vez em quando as duas estavam se estranhando. Isso era a maior confusão dessas duas, mas elas se amavam muito (informação verbal)¹⁹.

Sobre a transferência da cidade, Dona Rosa falou:

Na época que foi para a gente vir para cá, o governador era Alacid Nunes que Deus o tenha e já deve tá para lá (com ar de indignação). Ninguém queria vir para cá. O projeto da Eletronorte era para uma tal de Aldeinha. Tudo planejado.

Era para ter os bairros comerciais, residenciais, tudo dividido e planejado. Esse era o planejamento da Eletronorte, mas o governador já tinha investido na Vila Arraias, inclusive já tinha colocado coletores para recardar dinheiro. Então no dia que ele foi falar com agente para dar a nossa reposta, ele chegou lá “feito um avião”²⁰, só fez dizer que ele também tinha vontade de morar nos Estados Unidos, porém, morava no Pará porque ele era governador do Pará. Dizendo com isso que, nós tinha, que a gente tinha que ir para o lugar onde tinha premeditado. Então, viemos para cá todos contrariados para este lugar onde já existia muita gente, fora que todos atrás de terras aqui no Pará, e nós ficamos sem vez como até hoje nós não temos (informação verbal)²¹.

¹⁸ Desentendimento

¹⁹ Informação fornecida por GURGEL, Rosa Pedra [2016] durante visita da autora Elsamar Silva dos Santos Emerique à sua residencia. Jacundá, 2016.

²⁰ Visita muito rápida

²¹ *Idem*, 2016

FIGURA 13 - ENTREVISTA COM A SRª ROSA GURGEL



Fonte: Oswaldo Emerique (2016)

Com visível saudade estampada no rosto, ela relatou a beleza e o modo de vida da antiga cidade, inclusive as cachoeiras em torno da cidade. Assim como o Sr. Leopoldino, ela reconhece as dificuldades que tinham por lá.

Jacundá em si mesmo, Jacundá antigo, era bom para morar porque era calmo, não tinha assalto, não tinha morte, a coisa mais difícil era se ouvir falar em morte. Mas os prefeitos de lá, pra falar a verdade, eles nunca fizeram foi nada. Jacundá sempre foi esquecido. Só tinha muito movimento quando tinha diamante, garimpagem, castanha. Mas depois que acabou a linha de ferro as outras coisas foram acontecendo, Jacundá foi se acabando. Mas lá a gente tava perto do rio. Tinha os lugares turísticos pra gente ir, né? Quando queria comprar uma coisinha melhor a gente ia em Marabá. Lá tinha umas praias maravilhosas que a gente gostava de passar o fim de semana. O Pedral lindo...quando o rio tava cheio a gente ia ficar na “croinha”²² do Pedral, lá em cima. Quando tava vazio a gente ia, deitava lá na pedra e ficava lá apreciando a natureza. O som da cachoeira Caminho do Inferno ficava lá em frente o Jatobal, a gente escutava de longe. Também se ouvia o som da cachoeira Capitariquara (informação verbal)²³.

Também quis ouvir relatos sobre os primeiros habitantes da região onde foi constituída a Velha Jacundá: os povos indígenas Gaviões Parkatêjês. Informações de pessoas que vivenciaram esses “atritos”, conforme aborda Silveira (2001), visto anteriormente. Em maio de 2017, visitei o Senhor Raimundo Rodrigues, idoso de 76 anos, falecido em 2021, conhecido como Raimundão, a fim de ouvir sobre a memória de Jacundá, especificamente sobre os indígenas e o remanejamento desses povos. Ele relatou:

Os índios Gavião era bravos demais. Valente demais. Eles botavam era para acabar com os jacundaense. Chegaram a matar muitos homens brancos. Mas eles tinham razão. A terra era deles. O jacundaense foi que invadiu as terras deles. Todos os anos

²² Topo

²³ *Ibidem*, 2016

no inverno eles vinham só para caçar conversa e matar homens jacundaense (informação verbal)²⁴.

FIGURA 14 - ENTREVISTA COM O SR. RAIMUNDO RODRIGUES



Foto: Oswaldo Emerique (2016)

De início, ficou um pouco confusa a fala do Sr. Raimundão em relação o remanejamento dos povos indígenas para Mãe Maria. Ele não deixou claro se na época da inundação esses povos ainda habitavam próximo de Jacundá. Isso se fez claro para mim só agora em 2022. Fiz-lhe essa pergunta, mas ele demonstrou incerteza. É uma lembrança que está fragmentada, como aborda Bosi (1994, p. 39). Então me debrucei em outras fontes de pesquisas para informações mais precisas. Vale ressaltar que tentei contato com os povos indígenas Gaviões. Mesmo por pura coincidência, conheci alguns deles em uma visita que fiz na Aldeia Nova Jacundá, dos indígenas Kariwassu Guaranis, num evento cultural onde alguns Gaviões estavam prestigiando.

FIGURA 15 - ALDEIA DOS POVOS INDÍGENAS GAVIÕES NA ALDEIA GUARANI



Fonte: Oswaldo Emerique (2016)

²⁴ Informação fornecida por RODRIGUES, Raimundo [2016] durante visita da autora Elsamar Silva dos Santos Emerique à sua residência. Jacundá, 2016.

Conversei com o novo Cacique Gavião e, segundo ele, estão todos em sua aldeia de luto pela morte do velho cacique. Falei-lhe da minha pesquisa e do interesse em obter informações diretamente deles. Porém, ele me surpreendeu ao dizer que não conhece nada dessa história. Não lembra da época da inundação e nem do remanejamento para Mãe Maria. O novo Cacique hesitou-se em prestar esclarecimento sobre o assunto. Percebi isso em suas resumidas e arredias palavras. Mas entendi a razão pela qual se mostrou um tanto distante diante do assunto abordado. Eles eram os donos dessas terras e foram expulsos de lá. Fora muitos conflitos, mortes, descasos, invasões, falta de respeito com sua cultura e sua gente. Falta de respeito para com a natureza. Talvez foram esses os motivos de evitar falar sobre o assunto. Como disse seu Raimundão: “A terra era deles”.

Em janeiro de 2023, visitei a área alagada e a Vila Santa Rosa, às margens do lago reservatório da UHT. Lá, conversei com o Senhor Odaci Braga Oliveira, 59 anos, do qual falou sobre a atividade de parteira da sua mãe. A Escola Teotônio Apinagés, da qual estudou, tinha como diretora a Senhora Aida Pinto Sanches.

FIGURA 16 - ENTREVISTA COM O SENHOR ODACI BRAGA



Fonte: Oswaldo Emerique (2023)

Algo que me deixou muito confusa na fala do senhor Odair foi a questão do ano da inundação e transferência da cidade para a Vila Arraias. Ele afirmou que tais acontecimentos ocorreram em 1983, informação que diverge com as outras fontes de pesquisas citadas até aqui, das quais explicam que estes fatos ocorreram em 1980. Após várias comparações e análises, entendi que a sua informação pode ter fundamento, considerando que ele morava na

Vila Jatobal, região mais alta do município de Jacundá, então provavelmente inundou depois da sede do município, que ficava na região mais baixa.

O Senhor Odair ainda relatou que enquanto a água subia, os moradores desmanchavam suas casas para reaproveitar a madeira, que eram só cedro e mogno. Porém, um senhor por nome José dos Passos não quis desmanchar a sua casa, pois não acreditava que a água iria expulsá-lo de lá. Como resultado dessa descrença, foi resgatado de balsa, deixando para trás todos os seus pertences (informação verbal)²⁵.

Outro fato curioso para mim e relatado por ele diz respeito a existência de outras religiões além da devoção à Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. O senhor Odaci relatou que existia na Vila Jatobal a Igreja Evangélica Assembleia de Deus, cujo dirigente era o seu avô, o senhor Antônio Moreira Rocha (informação verbal)²⁶. Fiquei surpresa, pois até o momento da entrevista não havia obtido informações sobre a existência da referida igreja ou outra religião na cidade submersa.

FIGURA 17 - ESTRUTURA DA CAIXA D'ÁGUA DA VELHA JACUNDÁ



Fonte: Oswaldo Emerique (2023)

Ao navegar sobre o lago da UHT e observar a fortaleza da estrutura da caixa d'água que abastecia a Velha Jacundá, fiquei curiosa em saber quem a construiu e o ano que isso

²⁵ Informação fornecida por OLIVEIRA, Odaci Braga [2023] durante visita da autora Elsamar Silva dos Santos Emerique à sua residência. Jacundá, 2023.

²⁶ *Idem*, 2023

aconteceu. Indaguei o senhor Odaci e ele respondeu não com tanta certeza que a “obra solitária” foi construída no mandato do segundo prefeito, José Pontes, que por sinal era seu tio. Segundo ele, o prefeito era habilidoso em construções de grande porte, porém vieram engenheiros de Belém para dar início à obra (informação verbal)²⁷. Essa informação converge com as colhidas por meio de Loeze Nunes, do qual movimentou o seu grupo de *Whatsapp* dos antigos moradores da Velha Jacundá, com essas curiosidades levantadas por mim. Os áudios que recebi são bastantes interessantes, demonstram afeto com essa memória. Quanto as incertezas e os “achismos”, me remetem Salles (2008, p. 68) no que se refere à necessidade do estímulo intenso da memória. Percebi que foi a primeira vez que os ex-moradores foram estimulados sobre a construção da obra, que consideram símbolo da cidade submersa.

Outra questão relacionada a caixa d'água é a ameaça do seu desaparecimento. Em novembro de 2022, um aluno do 8º ano, Pedro Henrique Santana Silva, 14 anos, filho de pescador, sinalizou durante a aula, enquanto falávamos sobre a memória da Velha Jacundá, sobre um projeto de Hidrovia e que provavelmente as ilhas e a caixa d'água iriam desaparecer. O aluno não conseguiu me dar detalhes, mas demonstrou sua preocupação por sua família depender da pesca para sobreviver.

Comecei a investigar tal informação. Primeiramente junto ao meu cunhado Izaac Scheidegger Emerique, 40 anos, funcionário da Prefeitura Municipal de Jacundá no setor de licitações. Izaac me falou da existência do *Projeto Derrocagem do Pedral do Lourenço*, confirmando o que o aluno me apontou. O projeto prevê obras de remoção de rochas em um trecho de 43 km do Rio Tocantins, diz-se necessário, para tornar navegável a hidrovia Araguaia-Tocantins.

Segundo a Confederação Nacional de Transportes (CNT), o projeto é um sonho antigo, desde a década de 70, quando se planejava a construção da UHT. Teixeira (2023) disse que “hidrovia irá destravar gargalo logístico e aumentar o transporte de cargas no Norte do País”. Isso por que em outubro de 2022, o IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis) concedeu licença prévia para as obras necessárias.

Segundo o vereador Wenderson Ramalho Mulato, 43 anos, entrevistado por mim em fevereiro de 2023, há uma grande preocupação em relação a essa obra. Os resíduos não se sabe onde irão ficar, os “berçários” dos peixes, pois eles se reproduzem justamente nos pedrais. Sobre o possível desaparecimento da caixa d'água, o vereador não sabe falar com exatidão se isso acontecerá de fato, pois depende do impacto no desnível da água. Há dez

²⁷ *Ibidem*, 2023

anos ela quase chegou o máximo, o qual é 74 m, alcançou a 73,91m. O entrevistado disse que poderão subir sim a cota e a água avançar mais 2m, porém, tecnicamente não pode responder com exatidão se a caixa d'água desaparecerá ou não.

Mais uma vez, a preocupação toma conta das pessoas que moraram na Velha Jacundá. Além de terem perdidos seus bens materiais, correm o risco da memória e o único símbolo da cidade submersa também desaparecerem. Na verdade, a preservação e a cultura de um povo nunca foram preocupações para os governantes. Sempre colocaram interesses e suas ganâncias acima de qualquer bem afetivo.

Seguindo a conversa com o vereador, indaguei-o sobre o andamento do Plano de Concessão da Eletronorte e sua aplicabilidade. Sobre *royalties* e o ressarcimento no geral a Jacundá pelos prejuízos causados à cidade, o vereador explicou que o pagamento ao município é realizado de acordo o nível da água do lago do reservatório da UHT. A quantia retribuída a Jacundá varia de R 300.000,00 (trezentos mil reais) a R 1.000.000 (um milhão de reais), no entanto, não sabe se o pagamento ao município está em dia. O maior prejuízo, segundo o entrevistado, é na área cultural, pois a Eletronorte nunca fez nada para contribuir com a memória da Velha Jacundá. Falta um museu adequado para abrigar objetos trazidos do velho município, entre outras ações que são necessárias.

2 E DO RIO FEZ-SE IMAGENS

2.1 Cores imaginárias dos alunos da Escola Rosália Correia

Todo ser humano possui experiências de vida da qual é compartilhada quando o indivíduo passa a fazer parte de um determinado grupo. Barbosa (2014, p. 337), afirma que “a construção do conhecimento em Arte acontece com o cruzamento entre experimentação, codificação e informação”. Esta, é uma proposta construtivista, dialogal e interacionista que permite o ensino de Arte como expressão e cultura na sala de aula. Dessa forma, o professor de Arte deve proporcionar aos seus educandos atividades que os levem a tal experiência.

Para isso, não é necessário o arte-educador ir em busca de temas interessantes para envolver os seus alunos. Basta fazer um mergulho na própria realidade. No percurso deste capítulo apresentarei as ações realizadas durante os estudos da memória da Velha Jacundá, iniciando pela EMEF Rosália Correia em 2016 com alunos do 6º ao 9º ano. Ressalto que nessa primeira etapa da pesquisa não usamos o açaí nas produções artísticas e sim tintas acrílicas.

Iniciei com o **Projeto Cores e Memórias da Velha Jacundá**, a primeira ação foi uma conversa em sala de aula e a apresentação de um vídeo extraído do YouTube produzido pelo programa da Record TV há quatorze anos, do qual trata da inundação da cidade de Jacundá provocada pela construção da Usina Hidrelétrica de Tucuruí.

Após reflexões e trocas de experiências provocadas pelo vídeo, eu e os alunos passamos a pesquisar fotografias da antiga cidade. Encontramos maior parte delas em preto e branco, selecionamos algumas e os alunos passaram a [re]desenhar essas imagens com o auxílio do projetor. Cada aluno desenhava em sua tela, exceto aquelas que não encontramos fotografias. Então fizemos os esboços baseando-nos apenas em relatos e pequenas imagens contidas nos livros nos quais pesquisamos citados anteriormente. Estas ações se repetiram em sala de aula de todas as etapas posteriores nas demais escolas.

Após a finalização das pinturas, promovemos a exposição das obras da qual aconteceu em dois momentos. Primeiramente, na Praça Municipal Inácio Pinto da Silva, no centro de Jacundá durante o dia, e a noite, na quadra da escola, com apresentações de palco: dança com a coreografia da música de Daniela Mercury “O canto da cidade” e a performance “Jacundá submersa”.

FIGURA 18 - EXPOSIÇÃO MEMÓRIAS DA VELHA JACUNDÁ NA PRAÇA MUNICIPAL



Fonte: a Autora (2016)

Durante as exposições, os participantes entrevistaram os visitantes que transitavam entre as cores [re]visitando a cidade submersa. Todas as imagens e entrevistas desta etapa estão disponíveis nos anexos deste trabalho.

Pensar a cidade submersa a partir de fotografias antigas sobre esse lugar como um espaço físico que se constituiu a partir de conflitos de terras com indígenas, donos primeiros da terra, e que foi inundada de forma conflituosa com outros, diz de possibilidades de informação e conhecimento levado a esses alunos que participaram desse projeto, sobre a constituição de suas identidades e cultura. Isso é possível através da Arte nos processos educacionais. Contudo, tal situação torna esses indivíduos em serem pensantes, politizados, capazes de se posicionarem criticamente percebendo melhor o meio o qual estão inseridos.

2.2 Memórias/imagens nas cores do açaí - Escola Professora Maria da Glória Rodrigues Paixão

Desenvolver processos artísticos com alunos do ensino fundamental a partir da história de sua cidade, sinaliza possibilidades de discutir/conversar com estes e as mais diversas questões ligadas ao campo da memória e do patrimônio que fazem parte dessa cidade.

Em 2018, a memória da Velha Jacundá foi estudada dentro **Projeto Cores do Açaí**, do qual falarei no próximo capítulo. Nesta feita, o foco foi a religiosidade da cidade submersa. Isso se deve ao fato do projeto abranger diferentes temáticas, destinando assim somente a *Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro* para a turma do 9º ano “B”. Foi um trabalho coletivo, a experiência nessa etapa foi a inserção do açaí no processo de pintura de forma

coletiva, os participantes produziram o trabalho artístico usando a polpa do fruto misturando-a com tintas acrílicas.

A velha fotografia da igreja levou-nos a imaginar uma paisagem vista somente nas regiões ribeirinhas da gigante Amazônia. Jacundá era cercada por açaizais nativos e o canto que se ouvia não era somente do sagrado que emanava do interior da igreja, mas também dos sabiás, dos curiós, jacu, jaçanã e do capelão nos fins de tarde.

A religiosidade católica da Velha Jacundá também faz parte do seu patrimônio se tornando de extrema relevância a permanência dessa memória.

O Patrimônio cultural brasileiro, não se resume aos objetos históricos e artísticos, aos monumentos representativos da memória nacional ou aos centros históricos já consagrados e protegidos pelas instituições e agentes governamentais, existem outras formas de expressão cultural que constituem o patrimônio vivo da sociedade brasileira (Horta, 1999, p. 17).

Estas outras formas de expressão cultural que se refere a autora, podemos chamar de patrimônio imaterial. Nossa S^a do Perpétuo Socorro era a padroeira do lugar. Dias (2013, p. 26) diz que a primeira igrejinha tinha paredes de taipa, coberta de telha de barro e piso de chão batido. Anos depois, o Senhor Inácio Pinto da Silva realizou campanha pedindo contribuições aos fiés a construção de uma nova igreja.

Imagens impõem presenças que não podem persistir ignoradas ou subestimadas em sua potencialidade comunicativa por editores e educadores, mas que ao contrário, devem ser devidamente exploradas e lidas, o que implicaria ganho evidente para o processo educacional (Buoro, 2033, p. 35).

A imagem é um meio de comunicação poderoso, o cérebro armazena com mais facilidade as informações permitindo fruição na aprendizagem, por isso são indispensáveis no processo ensino/aprendizagem. As fotografias, desenhos, livros ilustrados ou pinturas fazem o aluno transformá-las em ideias, portanto, a aprendizagem se inicia pelo imaginário.

Uma experiência de trabalho que cabe nesse contexto, foi a leitura da imagem/fotografia da antiga Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, vivida pelos alunos do 9º ano “B” da Escola Maria da Glória. Os leitores e produtores observaram no lado direito da imagem uma mancha que identificaram como capim, não se sabe de certo se era, porém, o ímpeto naquele momento de reprodução, era pintar o que se via. Esse detalhe foi explorado após uma longa discussão entre os participantes.

FIGURA 19 - FOTOGRAFIA DA IGREJA DE NOSSA SRA. DO PERPÉTUO SOCORRO



Fonte: Acervo Museu Memórias de Jacundá (2018)

FIGURA 20 - PINTURA EM TELA IGREJA Nº. SRª. DO PERPÉTUO SOCORRO. COLETIVO 9º ANO



Fonte: a Autora (2018)

Outro grande desafio nesse processo produtivo foi a reinvenção das novas cores que deveriam obter a partir da mistura da polpa do açaí com as tintas acrílicas. Para a representação desse detalhe, trituramos a palha do fruto no liquidificador e adicionamos cola branca a fim de fixá-la na tela.

Uma preocupação tomou conta de mim e dos participantes no que se refere as reais cores da igreja. Pesquisamos em fontes vivas, já que a fotografia não nos fornece essa informação. Conversamos com o Sr. Leopoldino Martins Dias e o Sr. Raimundo dos Santos, ex-moradores da Velha Jacundá e fomos surpreendidos quando eles disseram que não lembravam as cores da pequena igreja. As respostas dos remanescentes deram liberdade para os alunos recriarem novas cores.

Após a finalização da produção, a obra ficou em exposição na Praça Municipal da cidade com mais 12 trabalhos durante todo o dia 04 de setembro de 2018, conforme sinalizado anteriormente. Os estudantes a apresentaram para todos que passaram pelo local, relatando suas experiências, dos quais demonstraram admiração ao saberem que naquelas cores havia açaí. Muitas discussões brotaram num ato de leitura da imagem ali apresentada.

Isto nos leva a reflexão: “Para ser lida, uma obra de arte propõe uma forte relação entre objeto e leitor, mediante um contato de visibilidade, isto é, de uma relação entre aquilo que se mostra e aquilo que é visto”. (BUORO, 2003, p. 224). A pintura da igreja diz respeito à essa relação, cuja imagem foi analisada pelo enunciário provocando discussão com o enunciante durante a exposição, a mesma ainda faz parte da vida das pessoas da cidade. Algumas até chegaram a se aproximar da tela para comprovar a presença do fruto cativante através do cheiro.

À noite, a obra participou do concurso artístico promovido pela própria escola, realizado na Câmara Municipal de Jacundá, sendo este mais uma ação da proposta. O corpo de jurado composto por 5 pessoas: Professor Genilson de Sousa, Professora Pollyanna Cristina Gonçalves, Vereador Rafael Garrancho, Sr. Loeze Martins e a Secretária de Educação Leila Clara Gonçalves, estes classificaram o trabalho em 2º lugar.

FIGURA 21 - ENTREGA DE TROFÉU NA CÂMARA DE VEREADORES



Fonte: a Autora (2018)

A obra foi apresentada pelas alunas Camila Carvalho Pereira (15) e Sabrina da Silva (14) durante o concurso ao corpo de jurados e visitantes. A imagem acima mostra a diretora da escola Maria da Glória Ana Cristina Negrão entregando o troféu às alunas que representaram a turma.

O trabalho ainda participou de três mostras científicas em diferentes cidades, Marabá e Abaetetuba no estado do Pará e em Novo Hamburgo/RS juntamente com outros, porém a obra

“Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro” sempre se destacou pelo contexto que carrega, a memória da cidade submersa.

Vale ressaltar que a Escola Profa. Maria da Glória, espaço onde nasceu o Projeto *Cores do Açaí*, foi fechada no segundo semestre de 2019, dessa forma, retornei para a Escola Rosália Correia, onde dei continuidade à pesquisa juntamente com os alunos daquela unidade de ensino e com os demais discentes remanejados da escola fechada.

2.3 Memórias da Velha Jacundá no ciberespaço em tempos de pandemia

A escola, em suas atribuições tem sua base na sociabilidade para que seus educandos tenham uma vida comunitária genuína. No entanto, a pandemia causada pelo novo Coronavírus (Covid-19) obrigou abruptamente todas as pessoas a ficarem em casa. Diante da difícil situação, o fluxo acelerado dos corredores da EMEF Rosália Correia desapareceu, e o espaço antes alegre, tornou-se um lugar triste e atemorizante, onde as poucas pessoas que por ali passavam, não podiam se aproximar.

Dewey (1952, p. 51) quando trata da experiência como Interação e continuidade, argumenta: “a maior parte das crianças são naturalmente “sociáveis”. Isolamento e solidão as afligem ainda mais que os adultos”. “A geração do quarto” mesmo não sendo criança, a quem se dirige o autor, e apresentando problemas de relacionamento familiar e outros, ainda assim, possui fortes laços afetivos com o espaço escolar. Distanciá-la seria negar esse afeto e a chance reconectá-la a outros ambientes sociais.

Diante dos decretos federais, estaduais e municipais, como ato de prevenção, as aulas passaram a acontecer no formato remoto. Alunos e professores tiveram que se conter-se apenas com o contato virtual. Eu, como professora de Arte, amante da aproximação pessoal no processo de ensino/aprendizagem, “não consigo entender uma relação de ensino onde o afeto não esteja envolvido”. Barbosa (1998, p. 153). Estava me sentindo triste diante da real situação, percebi também o desânimo em muitos rostos durante as aulas online. Eu estava de volta à Escola Rosália Correia devido o fechamento da Escola Maria da Glória no mês de agosto de 2019.

Em 2020 tivemos que continuar com as aulas online. Então decidi inserir de forma mais significativa. O Sistema Triangular Digital: *e-fazer*, *e-contextualizar* e o *e-apreciar*. Cunha (2008, p. 235.) Essa abordagem da autora é baseada na Abordagem Triangular que na prática, acontece no espaço virtual. Diante disso, propus o Projeto *Cores do Açaí* à

coordenação pedagógica e ao corpo docente da escola, pois planejei uma proposta interdisciplinar.

Demos início ao projeto abordando várias temáticas, inclusive a Memória da Velha Jacundá. Trabalhamos a história da cidade enviando textos pelo WhatsApp, indicando fontes escritas e vivas. Em seguida, passamos para a produção dos trabalhos artísticos. Enviei o passo a passo para cada aluno participante, bem como vídeos do processo realizado na primeira etapa do Cores do Açaí, na intenção deles produzirem em casa, mas nem todos conseguiram.

É importante ressaltar que nessa etapa, as tintas acrílicas foram retiradas do processo. Todas as cores adquiridas partiram da mistura do açaí e outros elementos naturais tais como: açafreão, limão, urucum e o verde da palha do açaí.

Sobre a superfície/plano, fui à escola, peguei umas antigas telas que estavam empoeiradas no depósito, emasei e dei uma demão de tinta branca, chamei os alunos participante e entreguei o material para eles desenvolverem seus trabalhos fora do espaço da escola.

Com a grande dificuldade encontrada pelos alunos de produzirem as tintas com o açaí, criei a tinta em pó e pedi que viessem um por um buscar na minha casa. Pegaram o material comigo, porém alguns, ainda não conseguiram fazer o processo sozinhos. Fiquei bastante preocupada mas logo saiu um decreto municipal permitindo a permanência de poucas pessoas em locais abertos. Diante dessa nota, chamei os participantes, aqueles que não conseguiram pintar de maneira solo, a virem um a um realizar as pinturas na minha casa, levando em conta que moro numa chácara bem arborizada. Alguns ficaram à sombra dos pés de açaí, outros na sala e na área da casa.

Foi com a continuação da pesquisa que encontrei junto aos arquivos do Museu Memória de Jacundá, uma antiga fotografia do prédio da prefeitura. A partir dela, a aluna Glenda Ferreira, 15 anos, aluna do 9º ano, produziu o seu trabalho utilizando açaí com cola branca e a palha do fruto triturada no liquidificador.

A prefeitura da cidade submersa foi construída no início da formação do município, por volta de 1967, na gestão do prefeito José Pontes, porém, antes da construção do prédio, as atividades administrativas já funcionavam em uma casa improvisada. Por lá passaram cinco prefeitos: Inácio Pinto da Silva com dois mandatos (1962 – 1966) e (1971 – 1972), neste segundo, refere-se a um mandato tampão, devido as cotas do município serem pequenas. O segundo prefeito foi José Pontes (1967-1970), o terceiro, José Vicente Soares (1973 – 1976), o quarto gestor foi o Sr. Evandro Alves da Silva, (1977) este, teve o seu mandato

interrompido por morte súbita causada por um infarto, assumindo o seu lugar o vice, o Sr. Bianor Miranda da Paixão, sendo este o quinto prefeito da cidade, responsável pela transferência do município para a Vila Arraias, o mesmo teve o mandato de seis anos.

FIGURA 22 - ALUNA GLENDA FERREIRA PRODUZINDO A IMAGEM DA PREFEITURA DA VELHA JACUNDÁ



Fonte: a Autora (2020)

A aluna da imagem acima apresentou essas questões políticas da Velha Jacundá a partir da imagem da antiga Prefeitura de Jacundá produzida por ela.

Outra parte da história vista dentro do projeto foi a inundação da Velha Jacundá. A aluna Ana Lívia de Sousa da Silva, 15 anos, estudante do 9º ano, através do seu trabalho, narrou esse fato. Ela pintou a imagem da caixa d'água usando açaí misturado ao urucum e carvão vegetal. A caixa d'água é o que ainda resta da cidade submersa, é o grande Memorial da Velha Jacundá. Ana Lívia produziu o seu trabalho a partir de uma foto (em anexo), onde a única estrutura da cidade ainda de pé aparece intacta e toda exposta, não só ela, mas as ruínas da Velha Jacundá. Isso aconteceu durante o verão de 2015, onde os antigos moradores tiveram a alegria de visitar o espaço da antiga cidade e festejar em meio as ruínas expostas.

FIGURA 23 - ALUNA ANA LÍVIA DE SOUSA DA SILVA PINTANDO A CAIXA D'ÁGUA



Fonte: a Autora (2020)

Após a conclusão das pinturas, iniciei a dinâmica da exposição, da qual não poderia acontecer no espaço escolar, nem tampouco numa praça, pois iria causar aglomeração de pessoas. Mais uma vez lançamos mão dos auspícios das tecnologias e promovemos esse momento de apreciação artística por meio de uma *live* na plataforma *Facebook*.

Elaborei um cronograma de gravação inserindo todos os alunos que produziram trabalhos para gravarem na escola as suas apresentações, mantendo todos os cuidados exigidos de acordo com o Ministério da Saúde. Somente a aluna Daniele Amaral, 17 anos, 8º ano, gravou a sua apresentação nos espaços externos da minha casa. Ela estava de mudança para a cidade de Parauapebas e com isso tive que agilizar a finalização da sua participação no projeto. No seu trabalho foi abordado o Ciclo da Borracha no contexto da formação do município da Velha Jacundá.

FIGURA 24 - ALUNOS GRAVANDO VÍDEOS DE APRESENTAÇÃO DAS OBRAS NA ESCOLA



Fonte: a Autora (2020)

A imagem acima apresenta os alunos gravando suas apresentações em vídeos para a transmissão online conforme planejada. Da esquerda para a direita, temos a aluna Glenda

Ferreira, 15 anos, com a obra “Prefeitura Municipal de Jacundá”, Daniele Amaral, 17 anos, obra “O Ciclo da Borracha”, Geisany Emerique, 12 anos, 7º ano, obra “Desmatamento na Amazônia”, Ana Livia de Sousa, 15 anos, 9º ano, obra “A Caixa D’água”, Carlos Eduardo Conceição, 15 anos, 9º ano, obra “O Açaizeiro” e Thályta Vitória dos Santos Alves, 12 anos, 7º ano, com a obra “Corrida da Tora”.

Os participantes compareceram à escola em seus respectivos horários, de acordo o cronograma para gravar. Os vídeos foram editados por mim e pelo colaborador Ramon Silva. Após o término da edição, transmitimos ao vivo pelo *Facebook* no dia 30 de novembro de 2020. A *Live* obteve 990 visualizações, 738 comentários e 166 curtidas.

Sobre o processo, a aluna Thályta Vitória dos Santos Alves, 14 anos, estudante 8º ano, participante do projeto destacou:

A técnica de pintar com açaí é algo inovador que eu nunca tinha usado. Primeiro extraímos o açaí, depois fizemos um procedimento para que ele ficasse como uma tinta, depois fizemos as cores misturando com elementos naturais, por fim ele ficou pronto para uso e pintamos. No tempo foi um pouco difícil de fazer a obra pois estávamos em pandemia, então cada um tinha um horário para ir à casa da professora e desenvolver a obra (ao ar livre). Acabou que com isso teve um pequeno atraso também. Eu amei fazer parte do projeto, amei toda a experiência mesmo em meio a pandemia foi ótimo fazer parte, a obra ficou muito boa eu não imaginava que eu tinha capacidade de pintar tão bem, eu dei o meu melhor, e o resultado foi ótimo tanto a minha obra quanto a obra dos outros alunos (informação verbal)²⁸.

Um dos meus instrumentos avaliativos do processo de criação, é a escuta. Costumo ouvir os alunos, professores e todos os envolvidos após a finalização de qualquer ação educativa. O relato da aluna apresentado acima me fez refletir sobre o meu papel como arte-educadora em diferentes situações e contextos sociais.

2.4 À memória de Teotônio Apinagés

O estudo desta etapa é constituído pela continuação da busca por informações para aprofundamento do conhecimento sobre a história da cidade submersa. Desta vez, o projeto teve como título ***Cores do Açaí: memórias de uma cidade submersa***, do qual foi desenvolvido no decorrer do ano de 2022, na EMEF Teotônio Apinagés, cuja escola leva o

²⁸ Informação fornecida por Alves, Thályta Vitória dos Santos. 2022 durante a Roda de Conversa pós exposição de telas pintadas. Jacundá, 2022.

nome em homenagem a um piloto desbravador das perigosas cachoeiras Capitariquara e Itaboca, existentes no Rio Tocantins, próximas à antiga Jacundá.

Sobre as questões de memória, identidade e patrimônio, é importante reforçar que estamos todos conectados e nos fazer entender como coletivo.

Quando os estudantes desenvolvem uma compreensão mais profunda de suas experiências visuais, podem ver de forma crítica as aparências superficiais e começar a refletir sobre a importância da arte visual para dá forma à cultura. À sociedade, inclusive à identidade individual. (Fredman, 2006, p. 19).

Para compreensão dessas experiências visuais, o aluno necessita não somente produzir, como também criticar e refletir. Assim, ele passa a valorizar a sua memória e cultura quando a conhece e sente-se estimulado pelas práticas pedagógicas do professor que inclui a exposição de imagens das quais está inserido como ser participativo. Segundo Bosi, (2004, p. 418), “Cada geração tem, de sua cidade, a memória de acontecimentos que permanecem como pontos de demarcação em sua história”.

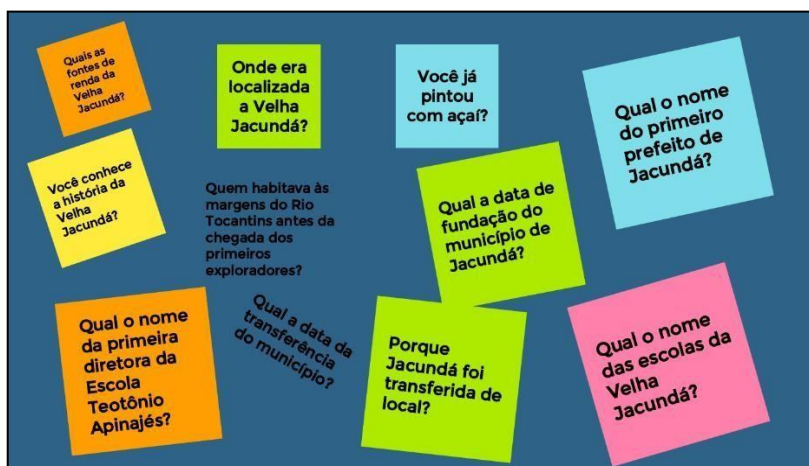
Como guardar a memória de uma história que não se conhece? Essa responsabilidade de preservação não é somente da família, é também das escolas, comunidades, igrejas, todas as entidades públicas, etc. Através dessa união, a memória permanece viva, sem perder sua importância diante da modernidade. É através dela que podemos realizar a manutenção do passado.

Faz parte das atribuições da escola incluir nos conteúdos programáticos e desenvolver projetos voltados para a memória. Se ela não exercer essa tarefa de maneira constante, a intermitência prolongada só trará estranhamento nos alunos quando se deparar com esse tipo de estudo.

É uma tarefa também a ser realizada pelo arte/educador: a importância e indispensável utilização da imagem no ensino de arte. E não descartando o dever de contribuição dos professores das demais áreas de conhecimento, pois a interdisciplinaridade só favorece ainda mais o bom resultado no que diz respeito à aprendizagem, bem como ao ensino.

O meu trabalho como docente na EMEF Teotônio Apinagés teve início no mês de janeiro de 2022, advinda da EMEF Rosália Correia. Como mestranda em Artes, percebi a necessidade em dar continuidade aos estudos sobre a Velha Jacundá e registrá-la como pesquisa.

FIGURA 25 - PERGUNTAS AFIKADAS NAS PAREDES DA ESCOLA TEOTÔNIO APINAGÉS



Fonte: a Autora (2022)

Em agosto de 2022, fixei nas paredes da escola pedacinhos de papéis com perguntas sobre a Velha Jacundá, com o objetivo que os alunos se sentissem provocados e levassem seus questionamentos para a sala de aula. E assim aconteceu. Eles observavam a intervenção enquanto transitavam pelos corredores e chegavam na sala de aula cheios de curiosidades por se tratar de um assunto desconhecido para eles, segundo seus próprios relatos. Esta ação foi o ponto de partida para a continuação da pesquisa na EMEF Teotônio Apinajés.

Após várias discussões sobre o tema abordado, apresentei a proposta de criar e recriar as imagens da cidade submersa e pintá-las com açaí. O fruto tem uma cor roxa e sempre esteve imbricado à vida do povo jacundaense desde que a cidade era situada às margens do Rio Tocantins. Percebi a surpresa nos olhos de cada um, cujo estranhamento se deu ao fato deles não conhecerem essa “técnica”, considerando que 2022 foi o meu primeiro ano de trabalho na referida escola.

FIGURA 26 – PRODUÇÃO DE CARTILHA.



Fonte: a Autora (2022)

Em continuação das ações, os alunos produziram uma cartilha sobre a história do município submerso. Em seguida, demos início às pinturas nas telas. Com as fotografias antigas em mãos, os alunos puderam [re]desenhar importantes informações das imagens, sem perder parte desse todo concernente à reinterpretação e criatividade de cada participante, tomando como referências as informações coletadas.

Nessa etapa, o projeto também aconteceu de forma coletiva. Como professora ministrante da disciplina de Arte, leciono em quinze turmas, portanto, foram 15 produções trabalhadas ao longo do semestre, mais cinco turmas que a professora ministrante do componente curricular cedeu alguns dos seus alunos para participarem conosco. No geral, foram produzidos 20 trabalhos artísticos.

O início da formação do município de Jacundá aconteceu da seguinte forma: Os tripulantes/viajantes, exploradores da Floresta Amazônica, que em uma de suas viagens de bote, vindo de Peixe Canguçu²⁹ rumo a Belém, descendo pela direita do Rio Tocantins numa bela tarde de verão, puderam observar uma pequena praia coberta pela sombra de uma capoeirana. Ali decidiram atracar a embarcação para descansar.

Esses homens estavam em busca da Castanha-do-pará. Pegaram uma canoa e saíram em busca de um rio menor para pescar peixes para seu alimento enquanto permanecessem naquele local. Logo encontraram um pequeno rio e conseguiram pescar vários peixes Jacundá. Então passaram a chamar o afluente de Rio Jacundá. Devido ao peixe, denominaram o lugar de “Jacundá”.

Memória e aprendizagem andam juntas. Não no sentido de somente fixação de conteúdos, mas de experiência. Seja memória da cidade, pessoal ou outras, é um tema que deve fazer parte do currículo do ensino de Arte. Embora a história da chegada dos primeiros ocupantes de Jacundá esteja num passado bem distante dos alunos da EMEF Teotônio Apinagés, o estudo se torna necessário, pois faz parte das atribuições da escola exercer o papel do desenvolvimento cultural dos seus educandos.

Assim, o indivíduo passa a valorizar a sua memória e cultura quando a conhece e sente-se estimulado através de imagens relacionadas ao meio do qual está inserido como ser participativo, mesmo não tendo vivido o tal passado, o contato com a temática o levará a uma nova experiência, principalmente quando há, nesse contexto, a produção artística. Sua participação marcará seu tempo, o meio e sua geração.

²⁹ Cidade do estado do Tocantins.

FIGURA 27 – ALUNOS PRODUZINDO A OBRA “CAPOERANA”.



Fonte: a Autora (2022)

“Capoerana³⁰” é nome do trabalho artístico abaixo, produzido por João Vitor da Conceição Brito, 12 anos, Érika de Sousa Nascimento, 12 anos e Jacyara Caldeira de Andrade, 12 anos, alunos/as do 6º ano. Sem fotografias antigas para se espelharem, os/as alunos/as usaram a imaginação e criatividade para retratar a cena da bela tarde de verão, onde tudo começou no que se refere a criação do município de Jacundá, com a chegada do Coronel Francisco de Acácio e outros homens com ele à bordo. Apenas através das informações e trocas de experiências em sala de aula, elas produziram a imagem que nos transporta ao passado.

A técnica utilizada na imagem e nas posteriores a ela consiste no experimento artístico com açaí, onde a polpa foi o principal elemento na criação das cores que compõem os trabalhos artísticos. O processo de criação desses pigmentos será tratado no terceiro capítulo deste trabalho.

Segundo o Dicionário Online de Português, “Jacundá” é a variedade de peixes brasileiros ciclídeos. O nome da cidade faz alusão a este peixe por terem sido encontrados no pequeno rio pelos primeiros ocupantes.

A fotografia da figura 28 mostra o peixe Jacundá fígado em um azol entre galhos secos, cena comum no Lago de Tucuruí. Ao apresentar a imagem aos alunos, percebi que reagiram com naturalidade pelo motivo da pescaria no lago ser uma atividade recorrente no cotidiano deles.

FIGURA 28 - FOTO PEIXE JACUNDÁ.

³⁰ Árvore pequena ou média. Flores róseas, vistosas. O fruto é uma vagem.



Fonte: Museu Memória de Jacundá (2008)

No processo de pintura da tela, as alunas Ana Beatriz Santos (12) e Juciane Silva (12) do 6º ano, usaram o pigmento verde extraído da palha do açaí para fazer a representação da água e a mistura da polpa do fruto com açafrão e sal para pintar o peixe. A produção não foi complexa, segundo as alunas. O mais desafiador foi a mistura dos elementos para obter certa semelhança com a fotografia antiga.

FIGURA 29 - PINTURA EM TELA PEIXE JACUNDÁ.



Fonte: a Autora (2022)

As alunas, em comum acordo, davam pinceladas longas e seguras para conseguirem o efeito do reflexo da água. Em uma conversa, elas me falaram sobre suas experiências de realizar a pintura e participar do projeto, se mostrando contentes e motivadas: “*Eu nunca tinha pintado com açaí. Pensei que servia só para comer*”, disse Ana Beatriz (informação

verbal)³¹. Juciane Silva (informação verbal)³² prosseguiu: “*Gostei de pintar com açaí por causa do cheiro. Amo açaí!*”.

O primeiro porto da Velha Jacundá, representado na imagem abaixo, era onde acontecia o embarque e desembarque de navios que transportavam a Castanha-do-Pará, madeira e pessoas. Dá para ver na velha fotografia, ao fundo, a casa do primeiro morador da cidade, o Sr. João Pires.

FIGURA 30 - PORTO DA VELHA JACUNDÁ.



Fonte: Acervo do Museu Memória de Jacundá. Autor desconhecido (s.d.)

O processo de [re]criação do trabalho da figura 14, posso dizer que foi uma das mais complexas. Por ser retirada/observada de uma fotografia antiga, a qual apresenta baixíssima qualidade em sua resolução, foi difícil de ver as formas e com isso aluno Hussel Batista (13) sentiu dificuldades, tornando necessária minha interferência neste processo.

FIGURA 31 - PINTURA EM TELA PORTO DA VELHA JACUNDÁ. ALUNO HUSSEL BATISTA.



Fonte: a Autora (2022)

³¹ Informação fornecida por BEATRIZ, Ana. 2022 durante a Roda de Conversa pós exposição de telas pintadas. Jacundá, 2022.

³² Informação fornecida por SILVA, Juciane. 2022 durante a Roda de Conversa pós exposição de telas pintadas. Jacundá, 2022.

A primeira dificuldade foi em fazer o desenho. Esse é um passo muito importante para a produção de uma pintura. Os barcos não ganharam formas e juntos tivemos que refazer por várias vezes. Hussel imaginou as cores que poderiam ter aqueles velhos barcos e fez as misturas dos elementos naturais açaí e açafrão, açafrão com o verde da palha e o puro açafrão, a fim de conseguir cores próximas daquelas que ele imaginou, com objetivo de colorir a cidade a partir da sua imaginação. O discente em seu relato, descreveu o processo como difícil por não ter hábito de pintar em telas. Sua paixão é o desenho com grafite.

Pintei em uma tela a imagem do primeiro porto da Velha Jacundá retirada de uma fotografia preto e branco. A imagem tinha o rio, uma casa, alguns barquinhos e não ficou legal logo, mas depois que retocou, deu finalização, ficou perfeita. A gente deu cores para os barcos com o açaí. Conseguimos uma cor parecido com lama, até pareceu que era de verdade (informação verbal)³³.

Considero interessante em sua fala a colocação “a gente” porque me faz entender que o aluno sentiu e manteve uma interação comigo enquanto mediadora no processo. E me faz perceber a relevância dessa interação entre professora e aluno/a.

Como dito anteriormente, Jacundá nasceu no meio da Floresta Amazônica, local já habitado pelos povos indígenas Gaviões Parkatejês. Esses povos eram os verdadeiros donos daquele chão amazônico. Conheciam cada palmo daquele lugar. Rodeados por castanhais e açazais, viviam uma relação afetuosa com a Amazônia e não permitiam interferência de invasores.

O trabalho da figura 32 foi baseado numa antiga fotografia em preto e branco. Na produção, o aluno Kléber Enrik Delmondes Carvalho, 13 anos, estudante do 7º ano, utilizou a polpa do açaí, ora misturada com o urucum, ora com o açafrão. Os povos indígenas Gaviões Parkatejês costumavam praticar um esporte denominado “Corrida da Tora”. Saíam do “Cocal”, lugar de moradia, e percorriam o pedaço de chão determinado às margens dos rios que banhavam a região carregando um pedaço de madeira pesada nos ombros. Este esporte teve que ser interrompido quando a Estrada de Ferro Tocantins cortou as terras destes povos.

FIGURA 32 - PINTURA EM TELA “CORRIDA DA TORO” NA ALDEIA DOS PARKATEJÊS.

³³ Informação fornecida por BATISTA, Hussel. [2023] durante a Roda de Conversa pós exposição de telas pintadas. Jacundá, 2023.



Autor: Kléber Enrik Delmondes Carvalho Foto: Alessandra Freitas (2022)

A Estrada de Ferro Tocantins (EFT) foi construída na região por volta de 1939, passando pela Vila Jatobal, às margens do Rio Tocantins. Pude perceber na produção da pintura, uma tomada de decisão e autonomia da parte do aluno Jailson da Silva e Silva, 15 anos.

Após ele ver a antiga fotografia e ouvir da minha parte os relatos sobre a EFT, não quis seguir o caminho da imagem, preferiu criar suas formas e cores de acordo a sua interpretação.

Uma das funções centrais no ensino de Arte na escola deveria ser esta: a de construir leitores sensíveis e competentes para continuar construindo, adquirindo autonomia e domínio no processo, fazendo aflorar, desse modo, ao toque do próprio olhar, uma sensibilidade de ser-estar-viver no mundo (Buoro, 2003, p. 63).

De certo, toda a fala da autora é interessante, porém detenho-me na “autonomia e domínio no processo” que o ensino/escola deve desenvolver no aluno, pois essa prática torna o indivíduo pró-ativo capaz de tomar decisões no desenvolvimento da produção e leitura de imagens.

FIGURA 33 - FOTO ESTRADA DE FERRO TOCANTINS

Fonte: Museu Memória de Jacundá s/d

A figura 33 apresenta um cenário pertencente às proximidades da Velha Jacundá. Mesmo em preto e branco a fotografia oferece detalhes que ajudam na compreensão da imagem. No ponto de fuga, dá para ver uma castanheira, árvore responsável por parte da renda econômica da cidade, uma pessoa passando entre os trilhos da estrada carregando algo nas costas que parece um cesto de colocar castanhas

O aluno Jailson decidiu seguir seu próprio caminho, atitude plausível no ensino/aprendizagem em Arte.

FIGURA 34 - PINTURA ESTRADA DE FERRO TOCANTINS. ALUNO JAILSON DA SILVA E SILVA.

Fonte: Alessandra Freitas (2022)

Quanto aos alunos com deficiências, o projeto teve o cuidado de incluí-los nas atividades. Freire (1996, p. 66) pensava que ensinar exige respeito à autonomia do ser do educando e cuja maneira de agir é um imperativo ético e não um favor.

Segundo o autor, todos os educandos necessitam de atenção, respeito e autonomia, independente de qualquer coisa. Nesse contexto, trata-se da eficácia do ensino inclusivo. Nas primeiras ações do projeto na Escola Teotônio Apinagés, pude perceber os olhares curiosos de Susana de Sousa Cardoso, 18 anos, aluna com deficiência intelectual, 8º ano; Érica de Sousa Silva, 16 anos, com deficiência física e intelectual, Micael Silva de Castro, 15 anos, com deficiência intelectual e Sávila da Silva Castro, 16 anos, aluna com autismo e deficiência intelectual, alunos/as do 9º ano, sempre atentos e cheios de indagações. Susana é uma jovem afetuosa. Sempre que chego à escola, corre ao meu encontro e me abraça.

Estes participantes ficaram com a temática “***Mistérios da Velha Jacundá - A cobra grande***”. Dias (2013, p. 31) relata que numa certa vez, Dona Boneca, moradora de uma localidade chamada Prainha que ficava a 4 km de Jacundá, precisou ir à cidade para comprar mantimento, ao se aproximar da Praia Grande, já era noite, foi quando ela e seus amigos ouviram um som como de cachoeira, preocupados, encostaram a canoa e seguiram a pé pelas margens do rio, e então viram um grande animal esticado no meio do rio. Acreditaram que se tratava de uma grande cobra. O som emitido como de cachoeira era pelo fato do bicho dificultar a passagem livre da água.

Esta história foi relatada por mim para os alunos com deficiência e os mesmos interessaram-se pela temática. Dei início ao processo de produção desenhando a imagem na tela para que eles ficassem somente com a parte da pintura. O açaí utilizado no processo também foi algo que os chamou bastante atenção. A todo instante inalavam o aroma da tinta natural. Percebi que o produto foi mais uma motivação para eles.

FIGURA 35 – PINTURA “COBRA GRANDE”. PRODUÇÃO DOS ALUNOS AEE.



Fonte: a Autora (2022)

No processo da produção das cartilhas, a aluna Érica foi a que mais se destacou entre os discentes especiais. Estava sempre atenta e cheia de vontade a cada imagem proposta.

FIGURA 36 – ALUNA ÉRICA DE SOUSA SILVA



Fonte: a Autora (2022)

A aluna também participou da exposição realizada na quadra da escola. Ficou a postos ao lado do seu trabalho, juntamente com a sua “cuidadora” Francilene Falcão.

Voltando a falar sobre as cartilhas, esta foi mais uma ação do projeto na Escola Teotônio Apinagés. Quinze turmas, das quais ministrou a disciplina de Arte, em todas os alunos produziram de forma individual suas cartilhas durante o período de estudos da memória de Jacundá. O material foi composto por pequenos textos e desenhos copiados das velhas fotografias do município submerso. Essas produções fizeram parte da exposição/culminância. “O processo é tomado como obra”, Salles (2008, p. 158).

Logo abaixo temos uma fotografia em plano geral do local onde foram produzidas as obras. É uma biblioteca com livros, troféus, instrumentos musicais e trabalhos escolares dos alunos. Apesar dos muitos artefatos, o local é agradável e amplo para produção artística. Os trabalhos foram desenvolvidos de forma coletiva. De cada turma eu retirei dois, três alunos no máximo. Algumas obras foram produzidas por um só aluno, como “A Catadora de Castanha”, “O Garimpeiro”, “Aida Sanches” e “Leopoldino Dias”. Cujos trabalhos podem ser vistos nos anexos.

FIGURA 37 - ESTUDANTES PINTANDO NA BIBLIOTECA DA ESCOLA



Fonte: A autora (2022)

O que é então a produção de uma obra de arte? O artista é pessoalmente tocado por acontecimentos, emoções e percepções que fazem parte do cotidiano e de todos os homens. Processa-os como observador-sensor privilegiado da realidade, construindo um objeto cuja finalidade é devolver ao coletivo uma experiência a ser revivenciada de forma individual pelo leitor (Buoro, 2002, p. 63).

A prática de produção artística em sala de aula, a partir da vivência e história do próprio aluno, torna ainda mais interessante o processo educativo. Desenhar e pintar o antigo prédio da Prefeitura, da Câmara de Vereadores, escolas, casas, ruas, rios, peixes, retratos de famílias é um trabalho de colaboração com a permanência do patrimônio, seja material ou imaterial. Tema como este faz parte da preservação de suas memórias. Ir para a sala de aula falar, ler textos e mais textos, provocar discussões com essa temática, com certeza possui uma grande eficácia. Mas, o uso de imagem com mais certeza ainda produz melhorias no aprendizado dos alunos.

Quando se apresenta uma imagem a uma aluna ou aluno, seja fotografia, pintura, gravura, desenho, etc., eles podem associar as imagens que estão vendo a informações que já possuem, ou a partir dessa visualização se interessem pela história que essa imagem possa vir transmitir através do processo de comunicação e expressão.

Essas ações advindas da educação visual elevam a capacidade criadora e intelectual de alunas e alunos quando experimentam arte como processo de criação e comunicação. Barbosa (2001, p. 5) diz que é perceber sua realidade circundante, buscando informações e capacidade criadora para modificá-la.

A figura 38 mostra a fotografia em preto e branco da Escola Coronel João Pinheiro, prédio com dois andares construído de alvenaria, não dá para identificar a cor, localizado perto de uma casa numa rua sem calçamento. No primeiro andar funcionava as salas de aulas do ensino fundamental I e na parte superior, a câmara de vereadores.

FIGURA 38 – FOTO ESCOLA CORONEL JOÃO PINHEIRO

Fonte: Museu Memória de Jacundá (s.d.)

FIGURA 39 - PINTURA EM TELA ESCOLA CEL. JOÃO PINHEIRO

Fonte: Alessandra S. Freitas (2022)

A imagem da escola, a primeira de Jacundá, foi pintada pelas alunas Thaís dos Santos Sousa, (15) e Evellyn Aguiar Costa, (15) do 9º ano. As estudantes decidiram não somente copiar a imagem e sim agregar a ela outros elementos como por exemplo, mais uma casa. Entenderam deste processo que assim como o homem interfere no espaço e o modifica, na produção artística não é diferente, mesmo tratando da memória de uma cidade onde as formas e cores necessitam ser preservadas.

O homem é o principal produto artístico de uma cidade que interfere no espaço, transforma e atribui valores a si enquanto obra de arte e aos demais componentes do espaço.

A cidade só adquire um determinado valor se a este a comunidade lhe atribuir, o contrário, nada mais é do que amontoados arquitetônicos mortos. Inácio Pinto da Silva,

homem de grande relevância na memória de Jacundá, pela sua imensa contribuição na transformação da cidade, passou a ser cultura neste contexto.

Ele foi o primeiro prefeito eleito na cidade de Jacundá em 1961. Iniciou seu mandato no dia primeiro de dezembro de 1962. Em seus quatro anos de mandato construiu a Escola Coronel João Pinheiro, a Delegacia de Polícia, Posto de Saúde, Fórum de Justiça, rampa de acostamento do porto da cidade, improvisou uma casa para funcionamento da Câmara de Vereadores, deu início a construção do prédio da Prefeitura e mantinha as ruas limpas.

A figura 40 é uma fotografia em preto e branco do Sr. Inácio Pinto da Silva e sua esposa a Sr^a. Beliza da Silva. Ele apresenta-se sentado vestido em um terno, enquanto ela de pé ao seu lado com um dos braços sobre o ombro do esposo. Durante as aulas, pus-me a analisar a fotografia juntamente com os alunos percebemos que mesmo sendo uma imagem dos anos 60, ainda se vê a herança cultural portuguesa no que diz respeito ao modelo de família patriarcal, onde a figura central é o homem, o “pai” e o chefe do clã, administrador de toda a extensão econômica da família.

FIGURA 40 – FOTO INÁCIO P. DA SILVA E SUA ESPOSA BELIZA SILVA



Foto: Museu Memória de Jacundá (s.d.)

Denise Alves de Amorim, 15 anos, estudante do 9º ano, disponibilizou-se a reproduzir a imagem sendo fiel a composição, com exceção da policromia não revelada. A aluna deixou a imaginação fluir no que se refere as cores das roupas, dos calçados e outros detalhes presentes na fotografia.

FIGURA 41 - PRODUÇÃO DA OBRA INÁCIO PINTO DA SILVA. AUTORA: DENISE AMORIM



Fonte: a Autora (2022)

A figura 42 mostra uma das cenas mais triste para os antigos moradores de Jacundá. A fotografia em plano geral apresenta uma grande quantidade de água alcançando o teto de algumas casas enquanto se vê no centro da imagem a igreja com $\frac{1}{4}$ coberto por água.

FIGURA 42 – FOTO INUNDAÇÃO



Fonte: autor desconhecido (1980)

A água começou a subir e as pessoas tiveram que sair para não perderem suas vidas. Mesmo assim, não foi possível evitar mortes como as dos animais da mata que cercava Jacundá e as árvores que morreram, juntamente com a alegria do povo jacundaense, além da perda de grande parte da cultura que existia naquele lugar, pois não puderam manter algumas tradições na Nova Jacundá, como, por exemplo, a religiosidade.

FIGURA 43 - PINTURA EM TELA INUNDAÇÃO



Fonte: Alessandra Freitas (2022)

Nossa Senhora do Perpétuo Socorro não permaneceu como padroeira da cidade, pois a vila de acolhimento já havia seu padroeiro, São João Batista. Todos os expropriados entrevistados apresentados neste trabalho afirmaram: “- *Não tivemos vez aqui*”. Isso significa que não tiveram oportunidades na nova localidade. Segundo eles, sentiram-se forasteiros, sem cultura e espaço, precisaram recomeçar e ressignificar sua cultura e todo o seu modo de vida.

É importante conduzir o aluno a oportunidades de realizar trabalhos artísticos como estes ou como qualquer outro, voltados para sua história, seu patrimônio, sua localidade, sua cultura, com intuito de levá-los a novas descobertas, a fim de perceber sua valorização enquanto cidadão. Através desse contato, o aluno vai sentir-se mais participante de sua comunidade. Além disso, oferecer-lhe momentos de contato com a arte.

A arte na educação e no seu ensino leva os discentes a desenvolverem sua identidade cultural contribuindo de forma significativa a torná-los seres politicamente pensantes dotados de capacidade crítica e análise percebendo e conhecendo melhor o meio o qual estão inseridos (Souza, 2013, p. 27).

Pude perceber na prática docente, a fala do autor no momento em que conversas/relatos eram iniciados no decorrer do processo da produção artística. As críticas relacionadas às imagens em construção me fizeram perceber a importância de impulsionar esses discentes no campo das discussões culturais identitárias dentro do ensino/aprendizagem em Arte.

Finalizei o processo das produções com uma demão de fixador spray incolor. Planejei juntamente com a equipe pedagógica a data e dinâmica da exposição das obras e passei a ensaiar uma performance a ser apresentada na abertura.

Como nas primeiras etapas da pesquisa, organizei um cronograma de mediação dos trabalhos para os alunos, a fim de que todos eles tivessem a oportunidade de participar. A exposição aconteceu na quadra da Escola Teotônio Apinagés, no dia 5 de dezembro de 2022, conforme mostra a imagem abaixo.

FIGURA 44 - CONVITE PARA A EXPOSIÇÃO DE ARTE



Fonte: a Autora (2022)

Uma das funções da arte-educação é fazer a mediação entre a arte e o público. Museus e centros culturais deveriam ser os líderes na preparação do público para o entendimento do trabalho (Barbosa, 1998, p. 18). Jacundá não possui grandes museus nem centros culturais. A maioria das pessoas nunca visitou um espaço desses, mas o público pôde desfrutar de um momento de fruição artística oferecido pela escola.

O convite para exposição foi publicado nas redes sociais *WhatsApp*, *Facebook* e *Instagram*. Enviamos também no modo impresso para as escolas do município, bem como para outros órgãos públicos. Eu e os alunos gravamos um videochamada e compartilhamos nos espaços eletrônicos, no intuito de mobilizarmos a cidade para esse momento de apreciação artística de temática do interesse de todos os cidadãos jacundaenses.

A exposição foi aberta com a “*Performance Jacundá submersa*”, apresentada por Thaíne Silva Beie, 16 anos, aluna do 8º ano. Com os seus movimentos corporais embalados ao som da música “Ciclo sem fim”, interpretada por Carmen Twillie, a estudante iniciou a apresentação com uma flecha erguida, representando os povos indígenas, primeiros habitantes de Jacundá. Em sequência, os alunos Felipe Rocha, Caio Hikaro Ferreira, Guilherme Gonçalves, Kayke, Antonio Abreu e Natália Cruz entraram em cena colocando adesivos com imagens de casas no corpo da estudante, representando a chegada dos invasores e a povoação do lugar. O aluno Nycolas Vicente representou o prefeito, oficializando-a como cidade, entregando a *performer* a bandeira da cidade. O aluno Kayky Andrade representou a empresa

Eletronorte, que surgiu para tirar os moradores dos seus lugares. A *performance* finalizou com a cena da inundação.

A aluna *performer* vestia uma roupa com as cores da bandeira da cidade de Jacundá: amarelo, verde e vermelho. É importante ressaltar que nessa prática percebe-se a interpretação da diretriz verbal abordada por Bolsanello (2011, p. 308) quando diz: “o professor não demonstra os movimentos ao aluno para que ele não se torne um modelo”. Nesse contexto, o próprio aluno é levado a interpretar comandos de acordo a sua percepção. Foi exatamente isso que aconteceu na minha relação com a aluna Thaíne, na composição dos gestos corporais. Eu não tenho habilidades com a dança, portanto não poderia ser esta “modelo”. Então passei a discente somente os comandos/ideias da narrativa a serem expressas através do corpo e ela realizou de acordo as suas vontades e interpretações.

Ainda justifico a prática corporal na conclusão desse trabalho com os alunos da Escola Teotônio Apinagés, destacando que o diálogo entre as linguagens artísticas faz parte da prática pedagógica de quase todo professor de Arte. Em todas elas se necessita do corpo para que se tornem efetivas.

FIGURA 45– ALUNA THAÍNE S. BEIE



Fonte: SEMED (2022)

Thaíne relatou sua experiência:

Naquele momento eu senti varias emoções, por exemplo eu medo de errar minha coreografia que era representado a cidade da velha jacundá! Mais eu tive uma energia muito boa algo sem explicação que dancei até alguns passos que não foram ensaiados que foram ali naquele momento então resumindo foi algo muito bom e emocionante (informação verbal)³⁴.

³⁴ Informação fornecida por BEIE, Thaíne Silva [2022] durante a Roda de Conversa pós exposição de telas pintadas. Jacundá, 2022.

Percebi na fala da aluna que ela fez uso de uma ação bastante utilizada em todas as linguagens artísticas, principalmente na música, teatro e dança: o improviso. Essa prática exige que o artista conheça os limites da criação para não sair do contexto, bem como de maior envolvimento consigo mesmo e com a obra. Thaíne não é uma artista performática, não faz aulas de dança, é uma estudante moradora do campo da cidade de Jacundá, mas se entregou por completo dando o seu melhor.

Durante a exposição recebemos visitas de alunos e professores das escolas convidadas, pais e outras pessoas da sociedade.

FIGURA 46 - VISTA DA EXPOSIÇÃO NA QUADRA DA ESCOLA



Fonte: SEMED (2022)

FIGURA 47 - ALUNAS APRESENTANDO TRABALHO: FLÁVIA SOUZA E MIRIAN XAVIER



Fonte: SEMED (2022)

Todos os alunos participaram em seus respectivos horários, conforme o cronograma, do qual a cada 15 minutos, as duplas ou trios eram substituídos por outros. Receberam uma atividade impressa, da qual os instigava a observarem as obras de forma mais criteriosa.

FIGURA 48 – ALUNA ALESSANDRA FREITAS



Fonte: João Fotos (2022)

A quinta competência do componente curricular Arte da Base Comum Curricular visa “Mobilizar recursos tecnológicos como formas de registro, a pesquisa e criação artística” (BNCC³⁵, p. 105, 2019). O avanço das tecnologias tem impactado as crianças, adolescentes e até mesmo os adultos. Diante dessa realidade, a BNCC busca contemplar a geração dos nativos digitais, pois se trata de um novo conhecimento em que a escola precisa se adequar.

Preocupada com os registros da exposição, convidei a aluna Alessandra S. de Freitas, 16 anos, estudante do 9º ano, para fazer as fotos. Instruí ela a manusear a câmera semiprofissional e a deixei à vontade. Percebi um forte entusiasmo na aluna ao desempenhar essa tarefa. “*Eu já gostava de fotografar! Depois dessa experiência que tive nesse projeto, recebi vários convites para fotografar, como book de aniversário, casamento, etc.*” (informação verbal)³⁶, disse a aluna quando a questionei sobre a experiência de fotografar o evento.

Diante da sua fala, fiquei emocionada por perceber que o projeto abriu novos horizontes dos quais não estavam pautados de forma linear. Às vezes o inesperado acontece, levando-me a colecionar doces experiências no caminho da docência.

³⁵ Base Nacional Comum Curricular

³⁶ Informação fornecida por FREITAS, Alessandra S. de 2022 durante a Exposição de Arte realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Teotônio Apinagés. Jacundá, 2022.

3. CORES DO AÇAÍ

3.1 Da tigela para a tela

O açaí tornou-se símbolo da cultura paraense e comumente é utilizado como alimento. Porém, nesta pesquisa, o fruto ganha outra utilidade.

A palmeira do açaí possui o nome científico de *Euterpe Oleracea* e é uma planta endêmica da Amazônia, cuja plantação nativa encontra-se nas planícies úmidas, chamadas áreas de várzeas, próximas aos rios da região. Essa plantação da área de várzea é realizada pelos ribeirinhos que se organizam como uma agricultura familiar de pequena escala (Paz e Koury, 2020, p. 153).

A Velha Jacundá era cercada por açaizais. A cidade estava situada às margens do Rio Tocantins. Portanto, o plantio do fruto lá não era o de “terra firme”, cujo cultivo necessita de irrigação, pois as águas que banhavam a região eram suficientes para a reprodução da planta matriz.

Em uma entrevista com o senhor Nilson Max Pinto Sanches, 70 anos, realizada no dia 13 de fevereiro de 2023, ele me relatou a maneira dos moradores prepararem e consumirem o açaí lá no antigo município. Todos sabiam como preparar e o processo era feito de forma manual. As crianças subiam nas palmeiras, colhiam o cacho, amassavam, passavam na peneira e tiravam o caldo. Segundo ele, não existia a polpa, pois era preparado artesanalmente.

No decorrer dessa pesquisa pude perceber através do convívio com as pessoas que, mesmo Jacundá sendo uma cidade formada por imigrantes oriundos dos estados de Goiás, Espírito Santo, Maranhão, Paraná e Bahia, a paixão pelo açaí é bastante forte. Criou-se um laço afetivo. Essas pessoas aprenderam a consumir o açaí diariamente de diferentes formas.

Hoje em dia, podemos encontrar várias casas de açaí aqui na Nova Jacundá. Isso significa que essa cultura continua viva e bem presente na vida dos Jacundaenses. Preparado não mais como no início, pois as máquinas de bater o fruto já são bastante acessíveis. É possível extrair uma polpa bem consistente para venda e consumo da população.

Como arte/educadora, estendi o olhar e pude perceber ao meu redor as possibilidades de adquirir experiências estéticas a partir da encantadora Amazônia. Mas esse olhar pungente não surgiu do acaso. Fui incentivada pela Coleção Amazoniana de Arte da Universidade Federal do Pará, a partir do livro editado sobre ela, *Amazônia: lugar da experiência*.

A coleção Amazoniana de Arte da UFPA reúne obras de artistas que atravessaram a região em tempos distintos, revelando traços particulares da história, da cultura e da política, materializados em obras que, individualmente em seu conjunto, nos propiciam uma consideração sobre lugar, abrindo-se não somente à experiência estética e sensível, mas também fomentando a crítica, as novas pesquisas e irradiando outros projetos de estudos (Maneschy, 2013, p. 13).

As experiências apresentadas pelos artistas participantes da referida coleção, “abriram os meus olhos” e me fizeram enxergar diversas possibilidades de criação em arte e promover discussões relevantes do que diz respeito a realidade dos discentes inseridos no contexto Memórias da Velha Jacundá. Eu e os alunos pudemos ver o açaí como objeto de experimento artístico e estético no processo de pintura em telas com a sua polpa. Na gênese da ideia, o estranhamento por parte de alguns alunos e professores foi inevitável. Talvez pelo motivo do fruto ser utilizado apenas como alimento, fazer arte com o mesmo, pareceu desatino.

[...] o devaneio é uma atividade onírica na qual subsiste uma clareza de consciência. O sonhador do devaneio está presente no seu devaneio. Mesmo quando o devaneio dá impressão de uma fuga para fora do real, para fora do tempo e do lugar, o sonhador do devaneio sabe que é ele que se ausenta - é ele, em carne e osso, que se torna um espírito, um fantasma do passado ou da viagem (Bachelard, 1988, p. 144).

A afirmação de Bachelard (1988) dispensa interpretação, pois se mostra bastante clara e por si só explica o meu devaneio, do qual eu, como artista e docente, me pego muitas vezes. Sonhar acordada, posso dizer que é o meu ponto de partida para o meu planejamento e práticas pedagógicas no ensino/aprendizagem em Arte. Foi assim com o Projeto *Cores do Açaí*.

No mês de março de 2018, enquanto ministrava aula na turma do 8º ano A da EMEF, Profa. Maria da Glória R. Paixão, instiguei os alunos a pensarem em um elemento da Amazônia para criar tintas a fim de pintar as obras da exposição de Arte do referido ano. Eu, em meio aos meus devaneios, já havia pensado no açaí por perceber nele a possibilidade de fazer arte, mas não expus a minha ideia, simplesmente provoqueei-os.

De imediato, os discentes começaram a citar vários elementos da natureza dos quais se pode extrair tinta e não demorou muito para apontarem o açaí. Com tom de brincadeira, deram muitas risadas, porém, voltei a provocá-los com a seguinte pergunta: - Será possível pintar com açaí? O aluno Kalebe Santos, (14) respondeu: - *Acho que sim, professora!* Se as empresas de cosméticos fazem batons, hidratantes e outros produtos com açaí, por que não podemos pintar com ele? Parabeneizei-o pela resposta e tomei a decisão diante da turma, afirmando que as obras da exposição de arte seriam pintadas com açaí.

Após a tomada de decisão, elaborei a proposta e compartilhei com professores e coordenadores da escola, da qual foi aceito por unanimidade, mesmo o título do projeto causando estranhamento em alguns.

Passamos a colocar em prática as ações do projeto, começando pela produção do plano, pois não encontramos na cidade telas suficientes em quantidade e tamanhos. Os trabalhos seriam desenvolvidos de forma coletiva, com isso, precisaríamos de treze telas, a mesma quantidade de turmas que eu trabalhava na época.

O caminho trilhado pelos alunos participantes diz respeito ao desenvolvimento da criatividade artística. Buoro (2003, p. 224) diz que “o processo de produção de uma obra de arte é competência de um sujeito produtor - artista que constrói seu discurso por meio da manipulação de diferentes pensamentos, conceitos, técnicas e materiais”.

De acordo a autora, o artista produtor usufrui de plena liberdade para exercer a autenticidade e construir sua própria interpretação. Nesse contexto, os alunos/artistas foram suficientemente competentes na manipulação na técnica de pintar com açaí como também construir seus próprios discursos.

Para produzir as telas, os alunos contribuíram com cola artesanal e tinta de Acetato de Polivinila, comumente conhecida como PVA. O suporte de madeira mandamos fazer na movelaria e o valor em real foi dividido entre as equipes.

FIGURA 49 – PRODUÇÃO DAS TELAS. PASSO 1



Fonte: a Autora (2018)

Foram três demãos de cola e duas de tinta PVA. Após esse processo, alongamos as telas sobre os suportes de madeira e as prendemos com um prendedor.

FIGURA 50 – PRODUÇÃO DAS TELAS. PASSO 2

Fonte: a Autora (2018)

No início, o projeto abarcou diversos temas como: Vanguardas Europeias, Arte Barroca, Bizantina, Adinkras e Memórias da Velha Jacundá. Cada turma desenvolveu uma temática.

Sobre a produção das tintas, nessa etapa, a aluna Gessykely Barbosa Silva, (15) levou para a escola a polpa do açaí para que eu e os alunos pudéssemos fazer as misturas do fruto com tinta guache de cores variadas. Durante o processo, a aluna Eilany Almeida sugeriu que colocássemos limão no açaí. Acatamos a ideia e fizemos a mistura. Ficamos maravilhados com o vermelho que surgiu.

FIGURA 51 – PREPARO DAS TINTAS COM AÇAÍ

Fonte: a Autora (2018)

Foram muitas as descobertas no processo de criação das novas cores. Percebemos que a tinta natural não iria fixar nas telas, então introduzimos a cola branca para alcançarmos

nosso objetivo.

Essas primeiras produções fizeram parte da exposição de Arte do dia 4 de setembro de 2018 como dito no capítulo anterior, da qual coloquei em destaque a obra *Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro*.

3.2 A viagem das cores

Sabemos que a Arte transforma pessoas. Ela é magia, percepção, conhecimento, cultura, etc.

É necessária a interação com o conjunto escolar. Com isso, o aluno não é o único beneficiado, mas todos aqueles que estão à sua volta. O aprendente alcança experiências de mundo desenvolvendo possibilidades em pesquisar, dialogar, expressar-se com o outro e com esse mundo que lhe traz conhecimento (Sousa, 2013, p. 11).

O professor que compreende essa necessidade estabelece tais processos de interação para os seus educandos, oportunizando-os a novas experiências, levando-os à transformação cultural. Eu, enquanto arte-educadora percebi essa transformação na vida das alunas que participaram das Mostras Científicas relatadas a seguir.

Como ação de interação e experiência, o projeto expandiu-se para Feiras Científicas, do qual teve participação na Mostra Científica do Sul e Sudeste do Pará (MOCISSPA). Nessa nova experiência foi possível a imersão das alunas Eilany Almeida, (15) e Thaíz Conceição da Silva, (15), 9º ano, à pesquisa científica. A Mostra aconteceu em novembro de 2018. O projeto concorreu pela categoria Linguagens e Artes, ou seja, com vários projetos da área de Língua Portuguesa. Em meio a diversas ideias inovadoras apresentadas ali, os avaliadores elegeram em 1º lugar para o Projeto *Cores do Açaí*, “delírio” das alunas participantes.

FIGURA 52 – PREMIAÇÃO DA MOCISSPA



Fonte: SEMED (2018)

Na ocasião, as discentes receberam troféu, medalhas, bolsas e o credenciamento para participação da Mostra Internacional de Ciências e Tecnologia da Escola Açaí (MCTEA) em Abaetetuba/PA, em dezembro de 2018. Como o espaço de tempo entre os dois eventos foi apenas de um mês, levei as mesmas alunas para apresentar o projeto no período de uma semana. Mais uma vez, a obra **“Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro”** da Velha Jacundá ficou em destaque. As alunas constantemente relatavam a história da cidade submersa para os visitantes, bem como a técnica utilizada na pintura.

FIGURA 53 – NOSSO STANDE NA MCTA



Fonte: a Autora (2018)

Ao fim da Mostra, o projeto foi classificado em terceiro lugar e mais uma vez ganhou credenciamento para participar da Mostra Internacional de Ciências e Tecnologia (MOSTRATEC Júnior) em Novo Hamburgo, RS.

FIGURA 54 – NOSSO STANDE NA MOSTRATEC JÚNIOR



Fonte: a Autora (2019)

Visando alcançar mais alunos, inserimos duas novas discentes. Desta vez, as contempladas para o mergulho à pesquisa científica foram: Maksuely Oliveira Dias, 15 anos e Líria Florena Silva Pinto, 15 anos, do 8º ano da EMEF Profª Maria da Glória Rodrigues Paixão.

Entre os preparativos para a Mostra, produzimos tintas de açaí para levar e expor no stand, juntamente com o banner e as obras. Iniciamos cozinhando a polpa do fruto e adicionando sal, por ser um produto altamente perecível.

FIGURA 55 – TINTAS CORES DO AÇAÍ



Fonte: a Autora (2019)

Depois, preparamos as cores tal qual foram feitas as primeiras, colocamos em pequenos recipientes transparentes a fim de evitar complicações na vistoria no aeroporto e também para os visitantes da Mostra verem as cores e sentirem o cheiro do açaí durante a exposição. Diante dessa experiência na MOSTRATEC Júnior, podemos perceber que a apreciação artística poderá acontecer não só pela visão, mesmo se tratando de uma pintura.

Através da apreciação e da decodificação de trabalhos artísticos, desenvolvemos fluência, flexibilidade, elaboração e originalidade – os processos básicos da criatividade. Além disso, a educação da apreciação é fundamental para o desenvolvimento cultural de um país (Barbosa, 1998, p. 18).

Para a autora, o desenvolvimento da criatividade está ligado à apreciação artística. Por meio dela, é possível se obter a educação dos sentidos e julgar as imagens vistas. Isso torna-se uma corrente humanista de aprendizagem.

Por se tratar de uma viagem longa, não foi possível levarmos todos os trabalhos, apenas cinco, entre eles a obra *Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro*.

3.3 Memórias no palco

O projeto *Cores do Açaí* continuou se expandindo, levando a cultura paraense e a memória de Jacundá a diversos lugares.

Em 2019, o projeto foi premiado na XX Edição do Prêmio Arte na Escola Cidadã. A notícia chegou em um dia que para mim parecia sem cor. Meu coração estava repleto de tristeza pelo fechamento da nossa querida Escola Maria da Glória, onde o projeto foi idealizado e desenvolvido. Mas tudo mudou com a bela notificação do Instituto Arte na Escola. As cores do açaí me fizeram sorrir novamente.

FIGURA 56 – GRAVAÇÃO DO DOCUMENTÁRIO “CORES DO AÇAÍ”



Fonte: IAE (2019)

O prêmio me fez voltar a acreditar que vale a pena continuar sonhando e lutando. Em honraria, o projeto ganhou um documentário, entre outros reconhecimentos como câmera fotográfica, notebook, certificados, troféus e uma semana cultural em São Paulo para mim e a coordenadora pedagógica Marey Ruth Guerra Dengo.

Recebemos em nossa cidade a equipe da Oficina Filmes³⁷ de São Paulo, dirigida por Lara Silbiger.

A equipe de produção estava à procura de um local ideal para a filmagem. Não foi preciso levá-los longe, pois na chácara onde moro tem um belo açaizal. Foram dois dias de gravação, incluindo o espaço da escola e ao ar livre. Foi feita a retrospectiva do projeto, desde a conversa inicial até a exposição na praça. Foram dias marcantes tanto para mim quanto para os alunos.

³⁷ Produtora de conteúdo audiovisual contratada pelo Instituto Arte na Escola.

Em dezembro de 2019, eu e a coordenadora viajamos para São Paulo a fim de participar das atividades culturais promovidas pelo Instituto, bem como a cerimônia de premiação no Teatro Municipal da Capital do Estado.

Mesmo diante da grande visibilidade do projeto, eu não me sentia confiável com o processo da produção das cores com o açaí. Não entendia o porquê de a proposta ter sido premiada, pois para mim parecia tudo muito simples. Mas tudo começou a fazer sentido a partir da fala do Professor Ivan Cláudio Pereira Siqueira, docente do quadro da Universidade de São Paulo (USP) quando deu seu depoimento no documentário do Projeto *Cores do Açaí*, premiado em 2019.

O fato dela ter percebido o açaí como uma coisa que é para além da alimentação, além da comida, mas que pode também se ligar a algo imaterial, ou seja, imaginativo, foi uma grande “sacada”. É você fazer daquilo que é concreto, o imaginário, e do imaginário, o concreto. E arte é exatamente isso. É o dia a dia, é a vivência, você não precisa ir longe, basta que você mergulhe em si próprio, que você mergulhe em sua região, na sua realidade e a partir dali você pode conquistar o mundo (Siqueira, 2019).

O depoimento do professor me fez ver o experimento artístico em pauta por outro ângulo. Me senti estimulada e me fez perceber que tenho um campo vasto em minha volta que me oferece diversas possibilidades de criação artística.

3.4 Sabores que pintam

Em 2020, em meio a pandemia, realizamos mais uma etapa do projeto *Cores do Açaí*, conforme mencionado anteriormente. Entre diversas temáticas, a memória de Jacundá foi abordada no que diz respeito a Prefeitura e Caixa d'água, referência da cidade submersa.

O processo de produção foi um pouco diferente, pois retiramos todas as tintas industrializadas e criamos as novas cores a partir da mistura da polpa do açaí com outros elementos extraídos da natureza, como: urucum e açafrão. Apesar de ter disponibilizado tutoriais, alguns alunos não conseguiram produzir sozinhos. Tive a ideia de preparar a tinta em pó e distribuir entre eles.

FIGURA 57 – AÇAÍ EM PÓ E LÍQUIDO



Foto: a Autora (2020)

Peguei a polpa do fruto, cozinhei com sal e acrescentei amido de milho. Depois levei ao sol para secar por três dias. Após a secagem, passei no liquidificador e assim a matéria-prima estava pronta: tinta de açai em pó.

Para os participantes que vieram pintar na minha casa, preparamos as misturas juntos. Com o açai em pó em mãos, trituramos a palha do fruto no liquidificador para tirarmos o verde e acrescentamos a clorofila extraída dela à tinta/pó. Todas as cores adquiridas surgiram a partir dessa mistura. A polpa que utilizamos nesse processo é sempre bem consistente.

Na construção do trabalho nessa etapa, não me preocupei em nomear as cores, conforme apresento adiante. O foco estava nos resultados das misturas e a aplicação delas. Os resultados foram apreciados por meio de uma [Live](#) no *Facebook*, conforme citado anteriormente.

Em 2022, dei continuidade às ações do projeto no contexto da Memória da Velha Jacundá. A técnica foi a mesma usada em 2020, exceto o açai em pó, voltamos a usar a polpa do fruto nas produções das tintas.

Desta vez achei pertinente nomear as cores adquiridas. A intenção não foi inserir as “cores do açai” na “paleta das cores” popular, que por sua vez é contínua, mas agregar valores tais como a expressão, a harmonia, cultura, etc. e ainda a originalidade da invenção estética.

Pensando na Velha Jacundá, cidade submersa há 43 anos, localizada em meio a Floresta Amazônica, onde os pássaros cantavam e encantavam seus moradores, decidi chamar essas novas cores pelo nome dos pássaros amazônicos, atendendo em partes as características estéticas de cada um deles e associando-os às cores do açai.

FIGURA 58 - COMPOSIÇÃO DAS CORES – TINTAS DE AÇAÍ

Componentes	Cor
Açaí + sal	Jaçanã
Açaí + limão + sal	Rupicola
Açaí + limão + acrílica vermelha	Saíra
Açaí + sal + urucum	Choca-barrada
Açaí + cola branca	Glaucidium
Palha do açaí	Periquito da Amazônia
Açaí + Palha de açaí + açafreão	Gongá
Palha + polpa do açaí + acrílica verde	Poiaeiro
Palha do açaí + cola branca	Saí verde
Açaí + acrílica verde	Jacu
Açaí + açafreão + sal	Coroa dourada
Açaí + Açafreão + cola branca	Inézia
Palha e polpa do açaí + cola branca	Cricrió
Açaí + acrílica azul	Gaturamo
Açaí + acrílica + cola branca	Canindé

FIGURA 59 - PALETA CORES DO AÇAÍ



Fonte: a Autora (2023)

Cada cor ganhou o nome de uma ave. Fiz o registro fotográfico de todas elas a fim de criar a paleta. A imagem acima apresenta as cores sem filtro, mas, infelizmente, a fotografia não conseguiu mostrar como elas realmente são.

No processo, usamos a batata do açafrão triturada no liquidificador, coada numa peneira para extrair o amarelo, do qual acrescentamos um pouco da polpa do açaí. O impressionante é que nem sempre é essa cor que aparece com essa mistura, depende do estado da polpa. Se ela estiver envelhecida, surge um verde que nomeei de “**Coroa dourada**”, pela cor ser parecida com um pássaro da Amazônia que carrega esse nome. É uma ave pequena de coloração verde e amarela. O macho possui um verde brilhante e o ventre amarelo, e ainda uma coroa dourada na cabeça.

No uso do puro açaí, apenas com sal. Percebi que a cor é semelhante a coloração da “**Jaçanã**”, ave aquática, esbelta de corpo muito leve, pernas altas, dedo longos e unhas afiladas como de agulha. De plumagem marrom que se aproxima do açaí recém extraído do caroço, por isso dei esse nome a esta cor. É comum se ver a Jaçanã catando mariscos nas margens dos rios, inclusive do rio Tocantins.

Quando acrescentei ao açaí a cola branca, surgiu uma coloração semelhante a “**Glaucidium**”, ave pequena, de difícil observação de plumagem marrom-castanho. É conhecida também como Caburé-da-amazônia ou coruja pequena.

Ao acrescentar o suco da batata do açafrão e cola branca ao açaí, surgiu uma coloração idêntica a plumagem da Inézia, ave conhecida como Amarelinho-da-amazônia. O pássaro mede 12 centímetros e pesa entre 7 e 8 gramas. Os olhos são de cor amarelo claro e a fronte é verde acinzentada. Esta nova cor foi bastante utilizada pelos estudantes para pintar as imagens das casas da Velha Jacundá.

Outra cor surgiu da mistura do açaí com urucum, essa nomeei de “**Choca-barrada**”. É uma espécie de ave que sua cor difere pelo gênero. O macho, a sua coloração é negra, já na versão feminina, a “Choca-barrada” tem cor pardo-ferrugínea.

Temos ainda a mistura do açaí com o limão, que surge um vermelho mais intenso, dependendo do estado da polpa. Essa cor chamei de “**Rupicola**”, conhecido também como galo-da-serra. A coloração desse pássaro se difere pelo gênero, da mesma forma do “Coroa-dourada”. O macho é de cor laranja e a fêmea marrom-escuro. A partir dessa nova cor é possível mudar as nuances conforme a quantidade dos elementos adicionados.

A cor “**Gongá**” surgiu da mistura da polpa e palha do açaí com o açafrão. Trinca-ferro-gongá é o pássaro inspirador do nome dessa cor na nova paleta. Sua coloração é cinza-azulada e calda cinza escura. A cor adquirida foi muito utilizada pelos participantes para

representar nas telas as águas dos rios que banhavam a Velha Jacundá. Os alunos alteravam sua nuance com mais ou menos açafrão ou clorofila da palha.

As 15 aves deram origem aos nomes das cores. Cada uma tem sua peculiaridade e sua beleza, assim como as descobertas estéticas que formaram a paleta “Cores do Açaí”. Não será possível descrever todas neste trabalho, porém, segue a certeza de que esse diálogo entre pássaros da Amazônia e o experimento artístico/estético com o açaí é bem-vindo e encantador. Os alunos puderam adquirir suas próprias experiências criativas. Fayga (1977, p. 1) diz que “A natureza criativa do homem se elabora no contexto cultural”. Pude perceber a fala da autora na prática, durante o processo de criação artística com os alunos. As obras produzidas são frutos das suas experiências e bagagem cultural carregada por eles.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

As discussões apresentadas aqui partem do processo e das etapas da pesquisa, incluindo as exposições de Arte, as entrevistas e depoimentos. O trabalho desenvolvido possui contexto abrangente e corroborativo. Dialoga com pessoas que tiveram suas vidas mudadas, inundadas, não por vontade própria, mas pela decisão de outras.

No final de cada período, realizamos as exposições das obras pintadas em telas, criamos cartazes a fim de divulgar o evento. Distribuímos esse material informativo nos principais pontos de referência da cidade, fizemos videochamada e convites impressos e entregamos nas escolas, prefeitura e outros órgãos públicos da cidade. Também convidamos pessoalmente os ex-moradores da Velha Jacundá.

Muitas pessoas visitaram os espaços, inclusive os ex-moradores, e este ficaram muito emocionados ao se depararem com as imagens do lugar que guardam em suas lembranças. Na ocasião, alunas entrevistaram antigos e novos moradores de Jacundá. Contamos com a presença do Sr. Raimundo Rodrigues, ex-morador mencionado anteriormente. Na entrevista realizada pela Aluna Priscila Rios Santos, 13 anos, ele destacou: “Estou muito alegre com esse trabalho. Tô aqui que não me aguento de tanta emoção. Nem sei se minha pressão vai aguentar” (informação verbal)³⁸. Com isso, a aluna lhe perguntou: Qual das imagens aqui mais remete a sua memória? E ele respondeu que todas, principalmente da prefeitura. “Olha, era desse jeitinho a prefeitura tinha essa porta na frente e essas duas janelas”, disse ele apontando a tela. O Senhor “Raimundão” permaneceu no local da exposição por bastante tempo, parecia estar de volta às ruas da cidade submersa.

Outro relato marcante sobre a importância do trabalho e da preservação da memória do município foi de Loeze Nunes Martins, atual Diretor do Museu Memória de Jacundá. O relato foi gravado pela aluna Lorena Gonçalves Emerique, 13 anos.

Eu acho importante resgatar a nossa história porque muitas pessoas não conhecem e por não conhecer não dão importância nenhuma. É importante para que esse povo que perdeu a sua cidade a sua cultura, praticamente os seus bens lá, não percam o ponto de referência, para que o povo não fique sem história, sem uma direção. Porque eu mesmo hoje sinto que a minha terra natal está submersa. Eu não tenho uma terra natal para voltar. Muitas pessoas, final de ano vão passar o natal na sua terra natal. E eu? Onde posso ir? Então de uma forma ou de outra, a gente adotou a nova Jacundá para morar e tentamos preservar a nossa história (informação

³⁸ Informação fornecida por SANTOS, Priscila Rios [2019] durante visita a exposição das telas pintadas pelos alunos. Jacundá, 2019.

verbal)³⁹.

Durante a exposição, Leoeze demonstrou muita empolgação e voluntariamente se tornou mediador durante a exibição das pinturas. Por conhecer e ter vivido sua infância na Velha Jacundá, se identificou com todas as obras e falava com riqueza de detalhes sobre cada imagem para seus amigos e conhecidos que por ali passaram.

A Sra. Rosa Gurgel visitou as obras e chegou a se emocionar durante a conversa com a aluna Andressa dos Santos, 15 anos. Uma das repostas dela que me marcou foi quando a aluna lhe perguntou o que ela sentiu ao ver aquelas imagens do lugar onde morou. Muito emocionada, respondeu: “Saudade, muita saudade. (chorando ela continuou) Eu não queria ter vindo pra cá, queria estar lá na minha cidade. Lá era bem melhor. Saudades das praias do Pedral, onde eu costumava me divertir nos finais de semana” (informação verbal)⁴⁰. Naquele momento, percebi que a fala de Dona Rosa emocionou a algumas pessoas que estavam próximo, inclusive a mim.

Muitas pessoas puderam revisitar suas casas, suas lembranças a partir dessa exposição. A senhora Ângela Maria Sanches Nunes, 45 anos, comentou sobre as lembranças que têm da cidade em que viveu sua infância. A aluna Emilly Moraes Ribeiro, 14 anos, fez a mediação e conversou com ela. Com um sorriso largo no rosto. Muitas outras pessoas visitaram a exposição. A equipe de coordenação da SEMED prestigiou o evento e uma das coordenadoras fez um comentário bastante significativo para mim. Maria Aparecida, 40 anos, Coordenadora de Educação Especial. A educadora não morou na Velha Jacundá e por essa razão sua leitura foi voltada mais para a estética das obras. “Estou impressionada com as cores que vocês conseguiram. Ficaram com aspecto envelhecido mesmo. Nos remetem ao passado mesmo” (informação verbal)⁴¹. Comentou ela.

Ângela nos surpreendeu ao apontar a tela e afirmar que morava exatamente ali. “Era aqui a minha casa. Lembro perfeitamente que a gente morava pertinho da Câmara Municipal. Eu era criança, mas lembro de que brinquei muito aí” (informação verbal)⁴². Disse ela.

Além da coordenadora citada acima, a Assessora Pedagógica Leila Cossioli Lopes também fez um relato baseado nas indagações da aluna Priscila Rios. Capixaba, chegada à

³⁹ Informação fornecida por MARTINS, Leoleze Nunes [2019] durante visita a exposição das telas pintadas pelos alunos. Jacundá, 2019.

⁴⁰ Informação fornecida por GURGEL, Rosa Pedra [2019] durante visita a exposição das telas pintadas pelos alunos. Jacundá, 2019.

⁴¹ Informação fornecida por APARECIDA, Maria [2019] durante visita a exposição das telas pintadas pelos alunos. Jacundá, 2019.

⁴² Informação fornecida por NUNES, Ângela Maria Sanches [2019] durante visita a exposição das telas pintadas pelos alunos. Jacundá, 2019.

Nova Jacundá no ano de 1993 com sua família não conhecia a história de Jacundá antes de atuar na educação do município.

A história em si eu só vim conhecer mesmo quando passei a atuar como professora. Fui investigar quando fui trabalhar com os professores do campo e tive a oportunidade de conhecer o Porto Novo⁴³ e de longe, nunca fui a obra mesmo, a antiga cidade de Jacundá até porque está submersa. Conheci também através do meu compadre Leoeze Martins então fui tomando apreço pela história. Sobre a transferência da cidade, na minha opinião, ela rendeu frutos para alguém. Apesar de ter pouco conhecimento do que foi a estrutura física, mas para mim os combinados não foram efetivados diante da cultura e das pessoas mesmo. Participei esse ano da renovação de concessão que a Eletronorte pediu e que fazem isso a cada 10 anos. E a gente observa no plano que ela havia afirmado várias ações para o município de Jacundá e os municípios do entorno do lago e quando a gente foi avaliar para ver o que se iria renovar, vimos que pouco foi garantido nos últimos dez anos e eles continuam se propondo a avançar nos próximos anos que virão. Então a transferência foi mesmo só de pessoas, a questão cultural e financeira, no que tange hoje, eu não consigo ver como algo positivo. Ao observar os trabalhos dos alunos, eu achei muito importante porque eles conseguiram colocar em imagens as expressões da cidade. Retratarem muito bem as pessoas, a paisagem em si. Eu achei riquíssimo demais para aqueles que viveram lá, uma lembrança e, para aqueles que não viveram, o momento tomar posse mesmo e conhecer a história. Eu divulgo sim e afirmo que o projeto foi muito importante e ele deve permanecer nos planejamentos futuros das escolas. É bom que hoje a gente possa refletir do ontem porque somos nós hoje que devemos pensar o futuro, e esse projeto garante um repensar do passado e um repensar do presente com os objetivos mesmo firmados para o futuro. Trabalhar a memória, arte, a arte visual é muito importante, assim como em todas as artes para que a gente tome posse da nossa cultura e se possa reforçar enquanto pessoas e ter o olhar crítico mesmo em relação a tudo que a gente já viveu e tudo que a gente pretende viver. Então a arte proporciona isso (informação verbal)⁴⁴.

Algo que me chamou muito a atenção na fala de Leila Cossioli foi quando ela se referiu a Cidade Submersa como parte de obra de arte ou mesmo como obra. A sua fala me reportou aos escritos de Argan (2005) quando trata da cidade como obra de arte. A relevância do seu depoimento não se resume somente a esta colocação, mas também ao histórico/crítico e ao trabalho da memória dentro das artes visuais.

A coordenadora do Núcleo Pedagógico do Ensino Fundamental, Séries Finais, Pollyanna Cristina Cavalcante Gonçalves, também fez suas colocações quando a indaguei sobre a sua percepção sobre temática desenvolvida com os alunos das escolas do município no ensino de Arte.

No contexto de concepção à cerca da temática "Memórias da Velha Jacundá" desenvolvida com os estudantes dentro do componente curricular Arte, é de valorizar a memória da população da Velha Jacundá, como espaço de vivência e de

⁴³ Vila formada após a inundação em um lugar mais alto onde a água do reservatório não alcançou

⁴⁴ Informação fornecida por LOPES, Leila Cossioli [2019] durante visita a exposição das telas pintadas pelos alunos. Jacundá, 2019.

registro na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na construção de novas perspectivas no conceito de Arte. A cultura brasileira é a fusão de elementos individuais e elementares. A repaginada nas cores do açaí para a técnica de pintar ,tornou mais significativo ao contexto cultural, trazendo a memória do que foi cultivado e hoje transportado em forma de Arte (informação verbal)⁴⁵.

Pollyanna acompanha o projeto desde o início e nunca economizou elogios à ideia de pintar com açaí. Na primeira etapa, em 2018, ela fez parte da mesa de jurados no concurso das Telas. Em 2022, esteve presente na exposição como representante da SEMED de Jacundá. Suas considerações são pertinentes, pois de certa forma está envolvida nesse processo.

Essas diversas informações/considerações realizadas por essas pessoas, bem como todo o trabalho que esses e essas jovens estudantes se propuseram a realizar, me faz acreditar ainda mais que minha escolha pelo curso de Artes Visuais e pela arte em si, tanto as visualidades quanto a sonora, só contribuíram de forma significativa para o amadurecimento de minha formação cultural e intelectual, bem como de minha carreira como professora, que faz com que eu possa dividir parte disso com minhas alunas e meus alunos, seja onde quer que eu venha atuar.

Tudo isso me garante que a arte é uma das tais ditas molas que impulsionam e mantêm a vida, o ensino, a cultura, o patrimônio, a história e todo e qualquer processo educativo. Barbosa (1998, p. 16.), diz sabiamente que a arte sempre irá levar aos homens e as mulheres a capacidade de não serem estranhos em seus meios ambientes, nem tampouco estrangeiros em seu próprio país.

Diante do exposto, passo a refletir sobre a mudança que desejamos para a educação. Apesar de não parecer, ela advém não só de políticas públicas, mas também de pequenas atitudes, daquelas que nós, como professores, tomamos em nosso dia a dia. Levar a Memória de Jacundá ao mundo faz-me sentir que estou no caminho certo.

Considerando cada passo da pesquisa, incluindo produções, estudos, exposições, mostras científicas e premiações regional e nacional, o que se pode pontuar de mais relevante é a valorização da cultura paraense, a preservação da memória da cidade, a visibilidade do ensino da arte no cenário nacional e o protagonismo estudantes. Dewey (2010, p. 9) diz que o protagonismo não é um oportunismo na busca de fins materiais, mas uma avaliação de meios e fins por suas condições e consequências na experiência. A partir desses resultados, a

⁴⁵ Informação fornecida por GONÇALVES, Pollyanna Cristina Cavalcante [2019] durante visita a exposição das telas pintadas pelos alunos. Jacundá, 2019.

pesquisa passa a exercer a “escuta”, prática necessária não só na educação somática como em todo ato de criação, independente da linguagem artística.

A vida do ser humano sempre esteve associada à arte. O homem, com sua capacidade criativa, produz e reproduz elementos no espaço da cidade, tornando-a o cenário principal da arte.

A história da Velha Jacundá me chamou a atenção pela sua peculiaridade. Desde que cheguei ao município, uma enorme inquietação tomou conta de mim e me fez buscar discussões e ações na tentativa de saná-la - que na maioria eram como as questões educativas no município são organizadas. Ao fazer parte do quadro de professores de Jacundá, percebi a necessidade da expansão do trabalho em sala de aula voltado para a memória da cidade, pelo motivo de que muitas crianças e adolescente pouco tinham conhecimentos sobre a história do lugar.

Mesmo com a existência de escritos, cujos autores são pessoas que conhecem intimamente os fatos, a nova geração pouco a sabe. Isto significa que a importância da educação cultural não tem sido considerada, como também a história não tem sido repassada.

Sobre a pergunta problema desta pesquisa, percebi que os antigos moradores se esforçaram para lembrar de todos os fatos, dos impactos causados pela inundação, mas não conseguiram narrar com certeza os acontecimentos. O Sr. Raimundo Sousa não lembrou sequer a cor da prefeitura e a Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro da cidade submersa. Tudo isso me remete Bosi (2004) quando se refere a essas falhas da memória de fragmentos.

Ainda sobre a problemática do estudo, o açaí provocou o interesse dos participantes. Sim, não da forma que imaginei, pois pensei que no contexto escolar o vissem realmente como tinta, mas isso não aconteceu. O cheiro do fruto, além de aguçar o olfato, aguçou também o sentido do paladar e a todo instante eles queriam ingerir a polpa/tinta, mesmo adulterada. De qualquer forma, considero o resultado positivo. Consegui enxergar o fruto neste contexto como estimulante para a produção no processo ensino e aprendizagem em Arte.

A Amazônia, com sua diversidade em cores e formas, mostra-se como uma verdadeira fonte rica, aguardando uma mente criativa. A velha Jacundá, mesmo submersa, está inserida nessa riqueza, permitindo o “maravilhamento” através das velhas fotografias. O açaí, como objeto metodológico no estudo da memória da cidade, mostra-se como ponte para o mergulho na própria imaginação. Isso parece pertinente no processo do ensino e aprendizagem em Arte.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Simeir Santos, TRINDADE, Patrícia dos Santos e LEAL, Gyane Karol Santana. **Infâncias Amazônicas: Arte, Cultura e Educação**. Paka-Tatu, Belém – Pará, 2022.
- ARGAN, Giulio Carlo. **História da Arte como História da Cidade**. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora LTDA, 1998.
- BACHELARD, Gaston. **A Poética do Devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 2018.
- BARBOSA, Ana Mae. **Ensino da Arte: Memória e História**. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- _____. **A imagem no ensino da arte: novos oitenta e novos tempos**. São Paulo: Perspectiva, 1994.
- _____. **Tópicos Utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 2008.
- BOLSANELLO, Débora Pereira. **A Educação Somática e os Conceitos de Descondicionamento Gestual: autenticidade, somática e tecnologia interna**. *Motrivivência* Ano XXIII, Nº 36, P. 306-322, 2011.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BUORO, Anamélia Bueno. **Olhos que Pintam**. São Paulo: Editora Cortez, 2002. CALVINO, Italo. **As cidades Invisíveis**. São Paulo, Cia das Letas, 1990.
- CHAVES, Nilson; Damous, Jamil. **Toca Tocantins**. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/nilson-chaves/toca-tocantins.html>> acesso 15 jun. 2017
- CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. Cortez, 2003.
- CUNHA, Fernanda Pereira da. **Cultura Digital na E-Arte/Educação: Educação Digital Crítica**. Universidade de São Paulo, 2008.
- DEWEY, John. **Arte com Experiência**. São Paulo: Martins Fonte, 2010.
- DIAS, Leopoldino Martins. **História da Antiga e Nova Jacundá**. Jacundá: Gráfica Parasul, 2013.
- EAGLETON, Terry. **A ideia de Cultura**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- FERRAZ, Iara. **Gavião Parquetêjê**. Instituto Sócio-ambiental/Povos Indígenas no Brasil. Enciclopédia dos Povos indígenas no Brasil, 2000. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/povo/gaviao-parkateje/print>> acesso 02 jul. 2017.
- FREEDMAN, Kerry. Apud OLIVEIRA, Marilda de Oliveira. **O papel da Cultura Visual na Formação Inicial em Artes Visuais**. Fundamentos de ensino e Aprendizagem em Artes Visuais IV. Universidade Federal do Pará, Tailândia, 2016.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org). **Métodos da pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

JÚNIOR, Ribamar Ribeiro. **Akrâitikatêjê: Dominação e Resistência na luta por seu território**. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia. UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ – UNIFESSPA, 2014.

KOPENAWA, Davi e ALBERT Bruce. **A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami**. São Paulo : Companhia das Letras, 2015.

LEAL, Elizabete; PAIVA, Odair da Cruz. **Patrimônio e História**. Londrina: Unifil, 2014.

LOPES, Gui. **Rio Tocantins**. Disponível em: < <https://www.lettras.mus.br/guilherme-lopes/1870930/>> acesso 17 jul. 2017.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Códigos do Imaginário Amazônico. Amazônia, Lugar de Experiência**. Belém: Ed. UFPA, 2013.

_____. **Cultura Amazônica: Uma Poética do Imaginário**. Belém: Cejup, 1995.

MANESCHY, Carlos Edilson de Almeida. Apresentação. **Amazônia: lugar da experiência**. Belém: Ed. UFPA, 2013

MANESCHY Orlando Franco. **Vetores e Experimentações Estéticas nas Múltiplas Amazônia: Por uma coleção amazoniana da arte da UFPA**. Amazônia: lugar da experiência. Belém: Ed. UFPA, 2013.

MARTINS, Lеоeze Nunes. **Trecho do poema Minha cidade Virou Rio**. Jacundá, 1990.

MILANEZ, Felipe. **Vale suspende recursos a indígenas e causa reviravolta em comunidades**. Disponível em: < <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/vale-suspende-recursos-a-indigenas-e-cao-reviravolta-em-comunidades-6892.html>> acesso 08 jul. 2017.

MOKARZEL, Marisa. **Amazônia. Terras Brasis. Amazônia: lugar da experiência**. Coleção Amazônia de Arte da UFPA. Ministério da Cultura e Petrobrás. Belém: Ed. UFPA, 2013.

ORÇO, Cláudio Luíz; FERREIRA, Débora; VICENTINI, Rosiclei Brandealise. **A cultura e a memória no contexto escolar**. Disponível em: <http://editora.unoesc.edu.br/index.php/achs/article/viewFile/3745/pdf_1> acesso 03 set. 2016.

REDAÇÃO. **A construção da Usina de Belo Monte e seus impactos ambientais**. Pensamento Verde, 2013. Disponível em <<http://www.pensamentoverde.com.br/meio-ambiente/a-construcao-da-usina-de-belo-monte-e-seus-impactos-ambientais/>> acesso 24 mar. 2017.

REY, Sandra. **Por uma abordagem metodológica da pesquisa em arte visuais**. In BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (org.). **O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002, p. 123-140.

SALLES, Cecília Almeida. **Redes da Criação: Construção da obra de arte**. Vinhedo-SP: Editora Horizonte, 2008.

SILVA, Jualison Viana da. **Aspectos de uma cidade remanescente**: Jacundá – História de uma cidade submersa. Disponível em: < <http://andreadson.blogspot.com.br/2012/07/aspectos-de-uma-cidade-remanescente.html> > acesso 14 jun. 2017.

SILVEIRA, Claudionor Gomes da. **Uma Cidade Submersa**: memória e história de Jacundá (1915-1983). Belém, Pará: Paka-Tatu, 2001.

SOUZA, Paulo Sérgio das Neves. **TRAVESTIDAS FORMAS**: Arte, beleza e erotismo em corpos de travestis no Bairro do Reduto em Belém do Pará. Mestrado em Artes. Instituto de Ciências da Arte. Belém: UFPA, 2011.

_____. **Ver Sentir Fazer**: ações educativas e processos de ensino/aprendizagem em arte. 12ª Edição de Bolsa de Criação, Experimentação, Pesquisa e Divulgação Artística do Instituto de Artes do Pará. Belém: IAP, 2013.

TEIXEIRA, Carlos. **Licença para derrocamento do Pedral do Lourenço é sonho antigo do setor aquaviário. CNT – Confederação Nacional de Transporte**. Disponível em < <https://cnt.org.br/agencia-cnt/licenca-derrocamento-pedral-loureno--sonho-antigo-do-setor-aquaviario> > Acesso em 25 de Fevereiro de 2023.

TRIPP, David. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005

ANEXOS

ANEXO A - Fotografias da Velha Jacundá



ANEXO B - Exposição de arte Cores e Memória da Velha Jacundá, 2016.



Informação sobre a figura 2: conforme apresentado no trabalho, essa exposição aconteceu no início da pesquisa, ainda não havíamos inserido o açaí na produção artística.

ANEXO C - Projeto Cores do açaí – 2018**ANEXO D - Projeto Cores do açaí 2020 (período de pandemia)****ANEXO E - Cores do açaí 2022**

ANEXO F – Documentário Cores do açaí**ANEXO G – Minidocumentário Memórias da Velha Jacundá**